O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestro, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis: Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 28 DE OUTUBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:310

E' um dos nossos correspondent s em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Julgamento importante.—Concelho de Goes.—Tumultos d'Evora.—Commissão Districtal.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Effeitos da guerra civil no Brazil.—Azeitão: Paço dos Aveiros em suas relações com a historia.—Folhetim: Magdalena.—Assumptos militares.—Carta de Valle de Besteiros.—Communicados.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

Julgamento importante

Estiveram em Oliveira d'Azemeis na defeza dos *grandes reus* que alli tiveram de responder na terça-feira proxima, os illustres advogados do Porto, srs. Eduardo Augusto de Sousa Pires de Lima e Adriano Anthero de Sousa Pinto. Suas ex.as foram alli recebidos como era de esperar da elevação de caracter que distingue os nossos correligionarios n'aquella importante povoação, regressando ao Porto logo que terminou o julgamento, que tão notavel se tornou, tanto pelo assumpto que já de si era importante, como pela superioridade da defeza, que foi magistral, tanto ainda pela natureza do pleito, como pela altitude dos patronos que n'elle tiveram de intervir.

A questão decidiu-se como sempre se previra. Os *grandes reus* e nossos illustres correligionarios, srs. conde do Covo, Domingos Luiz da Silva, Manuel Pinto Alvares Pardal e José Ferreira da Silva Guimarães, foram plenamente absolvidos. Era de justiça.

Em seguida ao julgamento recebemos d'alli o telegramma que segue:

OLIVEIRA D'AZEMEIS, 25, ÁS 2 H. E 20 M. DA TARDE.

Campeão das Provincias—Aveiro.

Acabam agora de ser absolvidos os srs. conde do Côvo, José Ferreira da Silva Guimarães, Manuel Pinto Alvares Pardal e Domingos Luiz da Silva, accusados de terem ameaçado a mesa da assembleia eleitoral de S. João da Madeira. Discursaram brilhantemente os srs. drs. Pires de Lima, Bento Guimarães e Adriano Anthero. Daremos pormenores. Grandes manifestações de sympathia no publico e a favor dos réus, e de enthusiasmo pela sua brilhantissima defeza.—*J.*

Não podia ser outro o resultado do celebre julgamento. Era de esperar a satisfação dada pelo tribunal áquelles nossos illustres correligionarios. Lição é esta com que muito teem que aprender os defensores do arbitrio e da anarchia. Ponha n'ella os olhos o sr. Dias Ferreira, que, não contente com o sangue que fez correr na celeberrima eleição, que foi o seu calvario, se lembrou ainda de perseguir até tão longe as victimas do seu despotismo.

E não quer que digam, elle, o ministro execrando, fatal para si e para os outros, que o seu governo foi de violencias e de attentados repugnantissimos! Reveja-se na sua obra, que nunca ninguem levou tão longe o abuso, o absurdo, a illegalidade, a traição e o crime! Reveja-se n'isso!

Os nossos parabens aos nossos prestimosos e presados correligionarios desagravados, folgando sinceramente pela justiça que lhes foi feita.

O tribunal foi concorridissimo. Tudo quanto ha de importante na comarca esteve alli, indo tambem de fóra bastantes amigos nossos; não faltando tambem, como não falta nunca onde o seu dever o chama, o sr. dr. Antonio Simões dos Reis, illustre chefe do partido progressista n'aquelle importante concelho; o sr. major Novaes, cunhado do sr. conde do Covo, o sr. Joaquim Augusto da Costa Basto, e outros cavalheiros distinctos.

Concelho de Goes

Continua alli a anarchia. O infeliz concelho está sob a mais violenta pressão da auctoridade, que não escolhe meios para chegar aos seus fins, e que parece desprezar por completo todos os principios bons e salutares.

Dentro da casa da administração do concelho, deram-se no dia 26 acontecimentos gravissimos, sendo o heroe da peça um individuo que alli exerce illegalmente o cargo de administrador.

Já por vezes nos dirigimos ao sr. governador civil de Coimbra solicitando providencias sérias e energicas contra as anomalias e violencias praticadas em Goes por aquelle desastrado funccionario. Não nos consta, porém, que sua ex.a tenha providenciado como lhe cumpria, pois que o concelho continua fóra da ordem em vista da senha com que a tal auctoridade pratica alli toda a casta de desmandos, de abusos e de arbitrariedades.

Dirigimos nos hoje ao sr. ministro do reino no mesmo sentido, e tornal-o-hemos responsavel pelo que possa succeder alli ainda.

Visto que o seu delegado de confiança no districto, desreispeitando até os deveres do cargo, que lhe impunham a demissão immediata do administrador illegal, não toma as providencias decisivas que todos os dias lhe são repetidamente pedidas, cumpre ao sr. ministro do reino, a missão de ordenal-as. O administrador do concelho de Goes, está fora da ordem e da legalidade. E' preciso impor-lhe a responsabilidade dos seus actos, e demitil-o immediatamente.

Espera-o a opinião publica offendida, e quando se mantenha á frente dos destinos do concelho essa auctoridade sem senso e sem escrupulos, nós iremos então até onde pedemos e devamos ir, n'esta cruzada de defeza pelos interesses d'aquelle infeliz concelho.

TUMULTOS D'EVORA

Não nos consta que as cousas em Evora tenham melhorado muito; mas o que nós sabemos é que a auctoridade foi desacatada e não foi desaggravada.

Mas se a velha cidade alemtejana não quer lá o seu prelado e se este se não julga seguro alli, mude a sua residencia para Elvas, onde ha um paço para residir, onde ha uma sé e onde nada falta para celebrar as festividades com explendor. Elvas recebel-o-ha com a melhor vontade, e os padres que em Evora se queixavam das maçadas d'elle, ficam então livres e mais á sua vontade. Tambem não ha lei que se opponha a tal mudança, porque Elvas está hoje dentro da diocese d'Evora.

Tambem não é caso novo; porque em tempo que Castello Brauco pertenceu ao bispado da Guarda, o seu bispo residia no inverno em Castello Branco, e no verão na Guarda.

Assim o prelado d'Evora cumpre o preceito do Divino Mestre, dizendo aos seus discipulos:—*Se n'uma cidade vos não quizerem receber, sacudi o pó dos sapatos e ide para outra.*

Commissão Districtal

SESSÃO DE 26 DE OUTUBRO DE 1893

Presidencia do ex.mo sr. vice-presidente, dr. Ladeira de Castro. Presentes os vogaes srs. Pereira Junior, e o vice-secretario sr. Ribeiro Junior, faltando por motivo justificado o ex.mo presidente, sr. conselheiro Manuel Firmino d'Almeida Maia. Não compareceu o secretario, sr. dr. Marques Mano.

Approvou a copia da acta da sessão da camara municipal de Macieira de Cambra, em que pedia auctorisação para a expropriação de terreno para o alargamento do cemiterio da villa.

Deliberou officiar á camara de Macieira de Cambra, para informar se a divisão dos baldios a que se referem as actas das suas sessões de 20 de julho e 13 d'agosto ultimos, já foram auctorisadas por esta Commissão, e em que data, visto não constar das mesmas actas.

Approvou o 1.° orçamento supplementar da camara municipal de Vagos para o corrente anno civil.

Approvou os orçamentos das juntas de parochia das freguezias de Travassô, concelho d'Agueda; de Sangalhos, concelho d'Anadia; de Arrifana, concelho da Feira; de Cedrim e Pecegueiro, concelho de Sever do Vouga.

Deliberou devolver á junta de parochia da freguezia d'Ovar o seu orçamento ordinario para o corrente anno a fim de ser ouvida a Camara sobre um donativo de 76$000 réis para despezas imprevistas da fabrica.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

São sem importancia as noticias que nos vem do estrangeiro.

No Rio de Janeiro, a revolução não avança, porque Floriano sustenta-se forte no exercito de terra. Ninguem, por conseguinte, pode aventar prefixamente como se resolverá a questão.

Os ultimos telegrammas recebidos d'alli dizem o seguinte:

«*Montevideu, 24.*—O couraçado brazileiro insurrecto *Victoria*, fez se novamente ao mar com rumo ao Rio de Janeiro. O seu fim é apresar os navios que se conservam fieis ao general Floriano Peixoto».

Paris, 26, tarde.—O sr. Alcino Guanabara, delegado especial do governo brazileiro na Europa, recebeu o seguinte despacho official datado do Rio de Janeiro em 25 de outubro ás 8 horas da noite:—Os sediciosos vêem mallograr-se successivamente todos os seus planos; depois do desastre do *Urano* teem soffrido outros egualmente sensiveis. As tres fortalezas da barra, Santa Cruz, Lage e S. João, tem dirigido um fogo efficaz contra o forte de Villegaignon, que se passou para os revoltosos, e que está agora muito arruinado. Os principaes navios insurrectos, precisam de grandes concertos, e mal podem mover-se; permanecem no extremo da bahia para evitar o fogo das fortalezas, que já lhes tem feito muito mal. Nitheroy, apesar do constante bombardeamento dos rebeldes, resiste heroicamente; as tropas de terra, numerosas e disciplinadas, defendem o governo legal do maréchal Peixoto, apoiado por todos os Estados da União.

Rio de Janeiro, 26, tarde. — Foi nomeado ministro das relações exteriores o sr. Cassiano do Nascimento—*(Havas)*.

A procedencia d'estas communicações põe em duvida a sua exactidão, pois que são visivelmente florianistas.

Na França continuam as ovações aos marinheiros russos, que deixaram já Paris, dirigindo-se a Toulon para embarcarem.

CARTA DE LISBOA

27 DE OUTUBRO DE 1893.

São sem importancia as noticias do momento. A dissolução da camara electiva é tida geralmente como assumpto fóra da discussão publica. O governo não tem força para isso, nem a parte *mais madura* do gabinete iria para ahi quando algum dos ministros, mais propenso a accessos de irreflexão, levasse para ahi as suas disposições. Não vale, pois, a pena fallar n'isso. O governo, se não podér governar, ha de cair e o poder irá a quem de direito upete. Isto é que não soffre impugnação séria.

— Suas Magestades regressam de Cascaes ao paço das Necessidades no dia 5 de novembro proximo.

— Está felizmente melhor o sr. infante D. Affonso. Vae de vagar, mas vae melhorando, e é esse o desejo de toda a gente.

— O sr. Emygdio Navarro parte na segunda-feira proxima para Paris, onde exerce o alto cargo de representante de Portugal.

Tambem vae partir para Berlim o sr. conselheiro Mathias de Carvalho, nosso representante junto do imperador da Allemanha.

— O sr. conde de Valenças não passa bem. S. ex.a está com sua extremosa esposa na sua casa de S. Jorge de Ribamar, contando regressar breve a Lisboa.

— Vae sair do serviço effectivo de fazenda o sr. Joaquim Albano Côrte-Real, inspector, pois que requereu a sua aposentação.

— Foi restituido ao logar que exercia antes de subir ao poder o pro-consul sr. Dias Ferreira, o nosso honrado amigo, sr. Matheus Pereira Pinto. E' uma nomeação que significa muito, politicamente.

— O sr. dr. Manuel Pereira Dias, lente cathedratico mais antigo da faculdade de medicina da universidade, foi nomeado lente de prima, decano e director da faculdade.

— Veio a Lisboa o conego sr. Abilio, da Sé de Evora, parece que como delegado do cabido, com missão conciliadora no conflicto succedido com o prelado.

— Um jornal d'aqui dá-nos a noticia que segue—agradavel decerto para a nossa industria d'ourivesaria:

«Está na capital um grande artista portuense, o sr. João Pinto da Costa Lobão, um trabalhador infatigavel, que acaba de dotar a ourivesaria portugueza com um novo producto, genuinamente seu, que deve ter pleno exito. O sr. Lobão, estudava, havia tres annos o processo de incrustar ouro e prata em aço e ferro; e ao cabo de insano trabalho, acaba de triumphar de todas as difficuldades. Os trabalhos realisados, que teem estado expostos na ourives aria Mourão, ao Chiado, constituem uma perfeita novidade d'uma belleza inconfundivel, embora á sua primeira inspecção nos façam recordar os *damasquinés* de Toledo ou as incrustações japonezas, e estamos seguros de que serão devidamente apreciados. Para garantir contra as imitações grosseiras os seus trabalhos, que tão custoso dispendio representam, o sr. Costa Lobão tirou privilegio. E' em extremo agradavel registar estas conquistas da industria portugueza, que parece, emfim, ter acordado do lethargo em que tão profundamente jazia, para se enfileirar ao lado dos paizes que trabalham e que progridem.»

—Conforme lemos nos jornaes inglezes, que mais se occupam da navegação, fez-se no dia 19 do corrente a experiencia do novo paquete *Zaire* que a Empreza Nacional de Navegação mandou construir em Middlesborough para o seu serviço da Africa occidental. Segundo consta, é um barco de grandes dimensões, pois tem uma capacidade de cerca de 4:000 toneladas; e no qual se encontram os mais recentes melhoramentos que a arte naval tem indicado. As accommodações para os passageiros chegam a ser luxuosas, podendo n'ellas installar-se 65 passageiros de primeira, 32 de segunda e 150 de terceira. O salão para jantar e casa de fumar situados no convez são completamente forrados de marmore. E' todo illuminado a luz electrica. Tem quartos para banho, machinas para gelos e um frigorifico para conservar carnes, fructas e hortaliças, etc. O machinismo é de systema *triple espansion* e deu na experiencia uma velocidade de cerca de 15 milhas por hora. O novo paquete deve ter chegado ao Tejo, para seguir no dia 6 de novembro na primeira viagem para os portos da costa occidental d'Africa.

— Publica-se ámanhã a ordem do exercito, que deve conter os novos regulamentos das escolas praticas e das regimentaes. Y.

NOTICIARIO

28 d'outubro.—Faz hoje 7 annos que esta cidade vestiu as suas mais vistosas galas, para receber a visita da familia real. Tambem faz bastantes annos, que teve logar a notavel peregrinação do Rozario.

Notas da carteira.—Fez annos ante-hontem o nosso querido amigo e presadissimo collega, sr. dr. Barbosa de Magalhães. Receba os nossos parabens mais sinceros, bem como todos os seus.

— Esteve na segunda-feira em Agueda o sr. Antonio Calheiros, da casa d'Ois do Bairro, acompanhado de dois cavalheiros, os quaes todos fizeram a viagem em bicycleta.

— Está n'esta cidade o sr. D. Prior de Cedofeita, acompanhado de suas ex.mas sobrinhas, que estão a banhos na Barra.

— Regressaram hoje a Aveiro o nosso patricio, sr. José Estevam Conceiro da Costa, habil empregado de fazenda no Ultramar, e sua ex.ma esposa. E' para nós motivo de prazer o seu regresso ao continente.

— Sahiu hontem da sua casa de Alumiar, para a Torreira, o nosso muito presado amigo, sr. commendador Manuel da Silva Mello. Sua ex.a vae estar alli a temporada de banhos.

— Foi ha dias feita a inspecção sanitaria trimensal ao regimento de cavallaria 10, pelo sr. dr. Augusto Faria Vieira de Menezes, habil cirurgião de brigada da segunda divisão militar.

— Já regressou da Torreira á sua casa d'Angeja, com sua ex.ma esposa e filhos, o nosso bom e honrado amigo, sr. Caetano Pereira de Sousa, zeloso funccionario publico.

Consorcio.—Casou hoje o sr. dr. Ildefonso Marques Mano, distincto professor do lyceu, com a ex.ma sr.a D. Margarida Helena da Cunha, partindo para o Bom Jezus do Monte. Apetecemos aos illustres noivos, todas as venturas de que são dignos.

Consorcio auspicioso.—Vae contrahir nupcias o nosso bondoso amigo, sr. Luiz Duarte Sereno, muito digno delegado na comarca de Penacova. A escolhida do seu coração é a ex.ma sr.a D. Palmira Leitão, filha do sr. conselheiro Alipio Leitão, honrado chefe do partido progressista em Penacova. E' um consorcio reciprocamente auspicioso, pelo que felicitamos os noivos e seus illustres paes.

Nomeação digna, ou melhor restituição justa.—O sr. dr. Matheus Pereira Pinto foi restituido ao logar de administrador do concelho d'Agueda, cargo que exercera com superior intelligencia e com elevado criterio. A sua restituição foi por isso um acto louvavel.

Fallecimento. — Está de luto um amigo que muito prezamos. O sr. Manuel Ribeiro Neves, que serviu honrada e zelosamente o logar de escrivão de fazenda em Ovar e Estarreja, deixando alli um excellente nome, acaba de perder seu filho o revd.° sr. Cezar Ribeiro das Neves de Mattos Viegas, que era um clerigo exemplar. Moço ainda, soube crear-se uma aureola de bom nome, que chegou a dar-lhe uma elevada reputação. Bom filho, clerigo que soube respeitar-se, honrando a classe de que era membro distincto, o seu finamento contristou quantos o conheciam e encheu de luto seus venerandos progenitores, a quem sentidamente acompanhamos na dôr que os punge.

Que a certeza de que o extincto existe ao lado de Deus, porque as suas virtudes eram completas, modifique a dôr dos doridos, são os nossos mais fervorosos votos.

De luto.—Está de luto o nosso muito presado amigo, sr. José Joaquim Manso, pelo fallecimento de uma sua irmã, que elle muito prezava. Acompanhando o dorido no seu desgosto, cumprimos um dever d'amizade.

Obito.—*Falleceu tambem no* Porto o sr. Custodio Ferreira Pinto Basto, um perfeito homem de bem, e membro distincto d'uma das familias mais conhecidas do paiz. Sem duvida que o Porto perdeu um de seus filhos que melhor nome gosava.

Bombeiros Voluntarios. — A direcção da benemerita companhia dos bombeiros voluntarios d'Aveiro, no sentido de dar quanta amplitude possa aos serviços de soccorros contra incendios, procede actualmente á organisação da Secção auxiliar da mesma companhia, que é formada por uma pleiade de rapazes da boa sociedade d'esta terra, deliberando reunil-os para esse fim, n'um dos proximos dias de novembro, e proceder desde logo ao seu alistamente. Louvamos essa medida, tão acertada quanto socialmente humanitaria e util.

Obras municipaes.—A camara resolveu levantar um pequeno andar no quartel dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, com o fim de alargar aquelle espaço, e tornal-o mais accessivel ao fim a que está destinado. Com esse dispendio, que não é grande, faz a camara uma obra de utilidade reconhecida, e que deveria já estar feita se no ultimo trienio se cuidasse mais seriamente e melhor dos interesses municipaes do que dos atropellos e anomalidades que se fizeram.

Audiencias geraes.—Principiam no dia 30 do corrente as audiencias geraes d'esta comarca, sendo apenas duas as causas a julgar, que são as seguintes:

30 de outubro:—Reus, João Nunes de Carvalho e Silva e outros, d'Eixo, por offensas corporaes; defensor, dr. Barbosa de Magalhães.

3 de novembro:—Reu, Manuel Fernandes Fura, o *Carapauto*, d'Eixo, por furto; defensor, dr. Corrêa da Rocha.

Estado sanitario.—Continúa a affirmar-se que é anormal o estado de saude em Ilhavo, onde abundam os fallecimentos.

Novo compendio.—Acaba de sahir a lume o *Compendio de geographia* para ensino nos lyceus, pelos srs. dr. Ildefonso Marques Mano e revd.° Manuel Rodrigues Vieira, dignos professores do lyceu d'esta cidade.

Crendices.—Começa no nosso districto a correr a *galga* dos francezes andarem por ahi a caçar creanças para matar e tirar-lhes os untos! Na Bairrada ha grande panico, e na visinha Gafanha tambem os paes de familia andam aterrados pela sorte dos filhos. Seria bom que os srs. parochos desfizessem taes boatos mentirosos.

A luz do pharol.—Descobre-se de muitos pontos do districto a luz do pharol da Barra, produzindo em toda a parte d'onde se vê a mais agradavel impressão.

Emigração temporaria.—N'estes ultimos dias tem sahido da Murtoza e de Ilhavo grande numero de pescadores, que vão pescar nas tarrafas em Lisboa. Talvez exceda o numero de mil os emigrantes que vão para o Tejo empregar-se n'aquelles serviços, regressando alguns passado que seja o tempo da safra, ficando alli ainda bastantes que depois se empregam na pesca do sabel.

A ladroagem.—Em Salreu tem-se effectuado ultimamente alguns roubos que denunciam a existencia alli de alguns quadrilheiros, a quem a policia local tem o dever de perseguir.

Os tres «ratas».—Os *melros*, que a policia deteve na feira da Oliveirinha, a hespanhola Maria Manuella, o suisso Luciano Ernesto, e o francez François Tremoulet, averiguou-se que são tres gatunos de profissão, muito conhecidos da policia de Coimbra, e que vinham de Cantanhede, onde tinham praticado alguns roubos. Foram-lhes apprehendidas carteiras com notas, cordões d'ouro, medalhas, relogios de prata, etc.

Trabalho de pesca. — Houve-o na quarta e na quinta-feira em algumas costas, e para algumas companhas com successo regular. A pesca foi excellente sardinha que obteve no mercado o preço de 3$300 réis. Os lanços regularam entre 50$000, 100$000 e 150$000, havendo apenas um que sahiu já tarde e que conseguiu fazer 265$000 réis—isto na costa de S. Jacintho. Nas outras as pescas foram de menos valor.

Trasladação. — Consta que o sr. Bispo Conde, diz a *Correspondencia de Coimbra*, conseguiu a trasladação do tumulo de el-rei D. Diniz, esposo da Rainha Santa, para o mosteiro de Santa Clara. O acompanhamento será feito com toda a pompa, assistindo Suas Magestades, e por essa occasião virá a Coimbra uma peregrinação de Hespanha ao tumulo da Rainha Santa. E' mais um serviço que o nosso illustradissimo prelado presta a Coimbra.

Philantropia.—Sob esta epigraphe, a *Aurora do Lima* escreve:

«Com o fim de solemnisar o anniversario natalicio de sua ex.ma esposa, o nosso presado amigo sr. Joaquim José Cerqueira, mandou hontem ao Hospital da Misericordia o donativo de 100$000 réis, destinando exclusivamente esta quantia a acquisição d'um leito especial e de instrumentos proprios para operações de gynecologia. Este donativo foi entregue ao sr. provedor do Hospital pelo sr. dr. Thomaz Antonio d'Azevedo Meira, um dos dignos facultativos do mesmo estabelecimento. E' ja superfluo o engrandecer os actos phylantropicos de quem tão generosamente sabe repartir os dons da fortuna pelos desprotegidos da *sorte. Em nome*, porém, de tantos beneficiados pelo coração altruista do nosso benemerito amigo, deixamos aqui registado este seu novo acto de generosidade, como um protesto de gratidão de todos aquelles que admiram o seu bello caracter».

E' para actos de muito maior tomo, o cavalheiro de que se trata.

O seu patriotismo, tão notavelmente provado por reiterados actos de summa grandeza na terra que lhe foi berço, e no Brazil em beneficio dos seus compatriotas—factos são que ninguem desconhece no paiz.

O que agora nota a *Aurora do Lima* é apenas mais um acto bem para enaltecer mais ainda a sua reputação de cavalheiro nobre e prestante.

Affluencia de banhistas.—Nas differentes praias de banhos não diminuiu ainda a concorrencia de banhistas. Na Figueira armam-se ainda mais de 400 barracas, e em Espinho, na Povoa de Varzim e na Nazareth, a quantidade de banhistas é ainda enorme. O tempo convida.

Ao que chegou! — No Porto foram ante-hontem vendidas a **100** reis cada uma, as acções do Banco Mercantil de Vianna do Castello, cuja massa se está liquidando.

«O Commercio do Porto Illustrado.» — Está em preparação adiantada mais um numero do *Commercio do Porto Illustrado*. Esse numero reunirá brilhantes condições, tanto artisticas como litterarias. Empregar-se-hão n'elle processos graphicos que não appareceram no primeiro numero e que mostrarão os progressos realisados pelas artes graphicas no nosso paiz. A capa foi pintada pelo nosso eminente pintor Souza Pinto. A collaboração artistica é de pintores notaveis como Salgado, Condeixa, Marques de Oliveira e Gameiro, do distincto architecto Joel Pereira e do grande caricaturista Bordallo Pinheiro. A collaboração litteraria é de Pinheiro Chagas, Antonio de Serpa, Fialho de Almeida, Thomaz Ribeiro e Alberto de Oliveira.

Collaboram Carlos Relvas com photographia e Augusto Machado com musica. Basta isto para denunciar o que será o proximo numero do *Commercio do Porto Illustrado*. Em virtude de contratos feitos em Portugal e especialmente no Brazil, a tiragem será consideravelmente maior do que no anno passado. Com taes elementos, esta publicação offerece excepcionaes condições de propaganda para os estabelecimentos commerciaes e industriaes, que lá fóra se soccorrem ávidamente d'este genero de publicações de luxo e de extraordinario brilho litterario e sobretudo artistico, para alargarem as suas relações e, portanto, os seus meios de prosperidade. Lá comprehende-se bem que não são publicações de vida ephemera; destinam-se ás salas, onde se folheiam, uma e muitas vezes, constantemente. A exemplo do que o nosso collega fez o anno passado, com o mais animador exito, dará ao segundo numero do *Commercio do Porto Illustrado* uma secção de annuncios, mediante as condições em seguida expressas.

Uma pagina.....	24$000
Meia pagina.....	12$000
Quarto de pagina.....	6$000

A inscripção faz-se desde já.

Bandoleiros nos arredores da cidade—Assalto á mão armada—Homem em perigo de vida.—Vem de dar-se um facto que nos leva a crer que os arredores da cidade se acham infestados por alguma quadrilha de audaciosos bandoleiros, á qual é urgente dar caça—diz um collega do Porto.

Manuel Alves da Cruz, de 24 annos de edade, negociante de farinhas e residente na freguezia de Aguas Santas, regressava ante-hontem, pelas 8 horas da noite, a sua casa, montado n'um jumento, quando ao passar o sitio denominado das Oliveiras, e entre os logares do Crespo e [illegible] foi alcançado nas costas pela carga d'um tiro de quartos, que o prostrou, sendo immediatamente assaltado por dois individuos, que não poude reconhecer e que lhe vasculharam as algibeiras, roubando-lhe uma carteira que continha 15$000 em notas. O infeliz levava nos alforges sobre o jumento outra carteira com 20$000 reis e esta quantia, que talvez os bandidos sabiam que o pobre homem devia levar comsigo, deve ter sido o mobil do crime. Como, porém, a detonação attrahisse gente ao local e o sogro do assaltado o seguisse a pequena distancia, os patifes não tiveram tempo para haver á mão aquella quantia safando-se, pois, apenas, com os 15$000 reis. Uns cigarreiros que chegaram em primeiro logar ajudaram a conduzir o ferido para uma casa proxima, onde lhe lavaram os ferimentos e lhes applicaram umas compressas, levando-o depois até sua casa, onde a mulher, de nome Maria de Jesus, ao vêr entrar o marido empallidecido e ensanguentado, pôz toda a visinhança em alvaroço com os seus gritos afflictivos.

Hontem de manhã, pelas 9 horas, como o estado do infeliz se houvesse agravado a ponto de perder a falla, foi trazido para o hospital da Misericordia, onde se acha na enfermaria n.° 1, sendo muitissimo para receiar pela sua vida. Alves da Cruz declarou não conhecer os bandidos e lembrar-se apenas de que o que lhe tirou a carteira era d'estatura mediana. Não sabia a quem dever attribuir o crime. A noticia d'este crime espalhou-se largamente pela cidade, havendo quem aventasse a ideia de ter resurgido a celebre quadrilha de bandidos, que em tempo infestou as proximidades da Areosa, tendo sido inumeros os roubos e assaltos praticados por esses malfeitores.

Um cão raivoso—Victimas.—Escrevem-nos da freguezia de Gandra, concelho de Paredes—diz um collega do Porto:

«Meus amigos. Acabo de lêr no *Jornal de Noticias*, de quarta feira, 25, uma local que se refere a um cão hydrophobo que passou por esta freguezia, e a tal respeito envio-lhes estes informes: Consta-me que o animal pertencia a um lavrador de Recarei, que já ha dias desconfiava que elle estivesse atacado de raiva, pelo que o tinha preso. Effectivamente o cão trazia ao pescoço o resto de uma corda velha. Na manhã de quarta-feira é que o animal fugiu de casa, mordendo umas tres mulheres em diversos logares d'aquella freguezia, de onde se dirigiu á do Sobrado, mordendo ahi Flora Martins, a que o jornal se refere, bem como a uma tal Maria Marques, que ia passando no sitio de Ponte Ferreira, conduzindo um sacco de meadas. D'ahi passou a esta freguezia de Gandra, não mordendo ninguem n'esta sua passagem. Chegado á freguezia de Astromil mordeu ahi uma creança de 12 annos, filha de Custodio Ferreira Sá, bem como Luiza Ferreira e Delfim Ferreira de Brito, deixando a creança em mísero estado. Voltado a esta freguezia e passando cerca das 9 da noite no logar da Granja, mordeu uma creancinha do sexo feminino, de cerca de 5 mezes de idade, que uma familia do Porto déra a crear á mulher de Luiz Alves da Costa e que se achava ao collo de uma creança de 9 annos, esta sentada na soleira d'uma porta. Ahi foi perseguido pelo povo mas póde escapar-se e cerca do meio dia alli voltou, mordendo uma rapariguita de nome Carolina, de 12 annos de edade, filha de Joaquim Guedes. Foi novamente perseguido, chegando a disparar-se sobre elle alguns tiros de espingarda, mas o maldicto animal ainda d'essa vez escapou, sendo morto afinal no logar de Moreira, por Antonio Caetano Moreira que o varou com um forcado. O Custodio Ferreira Sá partiu com o filho para essa cidade, e, por carta que escreveu á mulher, sabe-se que ia seguir para Braga, a conselho não sei de quem nem para quê. Acompanhou-o o Delfim de Brito. A Flora constame que vae para Lisboa, afim de ser tractada no laboratorio bactereologico. O Joaquim Guedes partiu com a filha para Santo Thyrso, para casa da familia Souza, que possue o celebrado remedio contra a raiva. A Luiza Ferreira está sendo tractada pelo pharmaceutico de Paredes, sr. Antonio José da Silva. A mulher do Luiz Alves da Costa, partiu para o Porto, com a creancinha que estava creando, afim de que os paes lhe dêem o devido destino.

Desapparecimento.—Desappareceu do Porto o negociante de pão Lopes Monteiro, socio da firma commercial Monteiro & Irmão; desappareceu elle e a sr.a diz-se que com um notavel alcance.

Simplesmente horrivel!—De Vianna, em data de 26, communicam-nos o seguinte:

Na freguezia de Carreço vive um homem encarcerado ha vinte e dois annos. Diz-se que é doido. Está preso pela perna direita a uma corrente de ferro cravada em um annel. Chama-se Domingos Camello e é filho de uma tal Brites. Deu-se conhecimento do caso a justiça. A «Aurora do Lima» publica ámanhã uma minuciosa noticia acerca d'este facto.

O correspondente diz mais:

Vi o homem a que me refiro no meu telegramma. Está completamente nú; tem a barba e cabello crescidos; passeia na loja onde está recluso arrastando a grossa corrente de ferro. Este facto é espantoso.

Espantosissimo, dizemos nós.

Sabe-se agora que o recluso é um doido furioso e que, temendo a familia que elle praticasse algum crime, o detinha n'aquella posição.

A justiça procede a averiguações.

Partido medico. — Está a concurso o partido medico da Louzã com 400$000 réis d'ordenado.

Despachos administrativos. — Effectuaram-se ultimamente os seguintes:

Dr. Araujo Lacerda, exonerado do lugar de administrador de Figueiró dos Vinhos.

Dr. Pereira, nomeado administrador de Santa Comba.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

Rev. Antonio José da Silva Correia Simões, professor do Seminario de Braga, n'um canonicato da Sé de Braga.

Rev. José Maria Gonçalves, na igreja de S. Christovão de Gondoril.

Rev. Manuel Maria Ferreira, na igreja de Santa Maria da Feira, diocese de Beja.

Rev. Constantino Lopes Pojeira, na igreja de S. Martinho de Ferreiró.

Rev. Domingos Cunha de Almeida Peixoto, na igreja de S. Paio de Ruilhe.

Rev. Francisco Domingues, na igreja de S. João Baptista de Brito.

Rev. Gabriel Rodrigues, na igreja da Assumpção, de Alvito.

Rev. Jacintho Antonio de Almeida, na igreja de S. Thiago de Riba d'Ul.

Rev. José Antonio de Almeida, na igreja dos Remedios, de Messejana.

Rev. José Fernandes, na igreja de Santa Maria de Moz.

Rev. José Francisco Valente Machado, na igreja de S. Bento de Aldeia Nova.

O rev. João Antonio da Silva, provido na thesouraria da igreja da Conceição de Monchique.

O rev. Evaristo Rosario Guerreiro, provido na thesouraria de Santa Maria, de Tavira.

O rev. João Avelino da Silva, provido na thesouraria da Graça, de Moncarrapacho.

Foi acceita a renuncia do rev. Theodoro Fernandes Araujo, da igreja de S. Martinho de Ferreiros.

Mandou-se abrir concurso para provimento das egrejas parochiaes de Santhiago de Rio de Vide, diocese de Coimbra, e de S. Martinho de Gallegos, diocese de Braga.

Despachos judiciaes.—Verificaram-se os seguintes:

Dr. Azevedo Mourão, juiz da Relação do Porto, collocado no quadro da magistratura, sem exercicio, mas com vencimento, por doença.

Conselheiro Castro Souza, exonerado do lugar de juiz substituto de Beja.

Dr. Castro Soares da Cunha Rego, nomeado juiz municipal em Mourão.

José Firmino Pereira Pinto, exonerado do lugar de juiz de paz de Gouvinhas, sendo substituido por Casimiro José de Carvalho, escrivão em Reguengos de Monsaraz.

Já tem precedente.—Ainda sobre o facto da entrada d'um cego nas aulas da universidade o nosso collega *Conimbricense* escreve:

«Matriculou-se um estudante cego na faculdade de direito. Esse facto, com quanto seja notavel, já tem precedente n'esta Universidade. Nasceu o illustre poeta Antonio Feliciano de Castilho, no anno de 1800. Cegou na sua infancia, e n'esse estado fez a primeira publicação no anno de 1816. Foi o —*Epicedio na sentida morte da augustissima senhora D. Maria I, rainha fidelissima. Offerecido a seu augustissimo filho D. João VI, nosso senhor, por seu auctor Antonio Feliciano de Castilho, estudante de Eloquencia e Poesia no Real Estabelecimento do Bairro Alto de Lisboa.*

N'uma das notas d'este *Epicedio* dizia Antonio Feliciano de Castilho:

«O auctor cahiu por uma grande escada, tendo um anno de edade; padeceu de vermes muito, e alguns annos; teve tosse convulsiva pela edade de 4 annos, que lhe durou muito, e á força da qual deitou grande quantidade de sangue pela bocca. Na edade de 6 annos teve sarampão, que começando a sair se lhe recolheu. Começaram então chagas grandes mui doridas por todo o corpo; incharam-lhe as capellas superiores dos olhos e ganharam volume maior que um ovo de pomba e dureza de pedra: em todo esse tempo esteve cego, havendo tal aperto das capellas sobre os bugalhos dos olhos, que pelo espaço de dois annos não foi possivel descobrir um unico ponto d'estes sabendo apenas se era dia ou noite; mas conservando-se sempre ás escuras, por que a luz lhe fazia dores horrorosas. Passados os dois annos, a beneficio de banhos do mar e depois de immensidade de remedios, começou a melhorar de quasi todos os incommodos, e começaram a desinchar as capellas dos olhos; restou-lhe porém até hoje, 16 annos de edade, e terá sempre, alguma adherencia de palpebra ao globo no olho direito, de que está absolutamente cego; cicatrizes e opacidade no olho esquerdo, por onde distingue apenas vultos e côres, mas não objectos mais pequenos, nem letras. N'este máu estado o auctor tem em seus irmãos, que se applicam egualmente que elle, quem lhe leia: e tem esperança de continuar na vida de letras, a que seus paes o dedicam».

Eis ahi está explicada a origem da cegueira de Antonio Feliciano de Castilho. Este insigne poeta foi auxiliado na leitura para os seus estudos em preparatorios, e depois na Faculdade de Leis da Universidade, por seus irmãos, e especialmente por seu irmão Augusto Frederico de Castilho, que se formou em Canones, e veiu a ser conego da sé patriarchal de Lisboa. O cego Antonio Feliciano de Castilho não só foi bom estudante, mas foi um escriptor distinctissimo e eminente poeta. As suas numerosas publicações, grande parte das quaes possuimos, são admiraveis; porque se já seriam uma maravilha se o seu auctor tivesse vista; sendo-lhe assombro».

Um protegido d'El-Rei D. Luiz I.—Em março de 1888 com recommandação do saudoso monarcha D. Luiz I, dava entrada na Real Officina de S. José uma pobre creança que apparecera abandonada e vivia da rapinagem no Bom Jesus do Monte, em Braga. Tal comiseração mereceu ao finado monarcha, que este conseguiu que a referida creança, que então contava 14 a 15 annos, fosse admittida no beneficente instituto da Officina de S. José, do Porto. Acha-se ao presente na idade de sahir d'aquelle asylo, e S. Magestade a rainha, senhora D. Maria Pia, attendendo a uma exposição que lhe fôra dirigida, mandou entregar ao reverendo director da mesma officina a esmola de 90$000 réis para ser entregue ao educando João Manuel Cardoso Dias, e applicada no seu enxoval quanda haja de sair da officina aos 21 annos. Em todos os transes da vida não deixa a magnanima senhora de estender o seu regio manto sobre todas as miserias, e não esquece um momento em que possa suffragar a alma d'aquelle que em vida foi seu inseparavel companheiro.

Um novo sanatorio.—E' o nosso muito presado collega da *Aurora do Lima*, quem, nas seguintes linhas, nos dá noticia da sua criação.

«Para todos os que se interessam pelo desenvolvimento e prosperidade da nossa terra não póde ser indifferente a noticia que vamos dar-lhes, e que se refere a um util emprehendimento, não só importante pelas vantagens materiaes que d'elle derivam, como porque vem satisfazer uma instante necessidade, ha muito reconhecida pelos nossos clinicos mais auctorisados. Trata-se da fundação d'um modesto sanatorio no alto de Santa Luzia, na face occidental da montanha, em um *plateau* que reune todas as condições hygienicas, não só pela attitude, como pela bella exposição, a coberto das nortadas dominantes e ao abrigo das nevoas que mais assustam a therapeutica em todos os varios casos de molestias dos orgãos respiratorios. Dois dos mais reputados medicos d'esta cidade, um com larga experiencia e profundo saber, e outro que ha pouco ainda sahido dos bancos das escolas, já é considerado como auctoridade valiosa pelas provas que tem dado do seu grande talento e incansavel applicação, tractam de lançar as bases da empreza que realise a construcção do sanatorio em condições modestas, e que desde logo possa ser aproveitado por todos os que careçam d'esse tractamento especial.

Para a installação de tal posto hygienico e para o seu proveitoso funccionamento, militam as mais favoraveis circumstancias, não só as que já apontamos, como as provenientes d'um commodo accesso pela magnifica estrada já construida até ao cume da montanha, e da proximidade d'esta povoação que sem difficuldade alguma, e a qualquer hora, poderá fornecer rapidamente o sanatorio de tudo quanto lhe seja necessario. O posto hygienico da serra da Estrella fica longe dos povoados, não tem communicações faceis e é verdadeiramente um tristissimo deserto para os doentes e suas familias ou assistentes qne alli teem de residir no pino do inverno. Ora o sanatorio no alto de Santa Luzia, além da puresa dos ares, docemente temperados pela atmosphera maritima e pelas emanações dos pinheiraes circumjacentes, offerece a incomparavel vantagem do seu facil accesso, da sua visinhança d'esta cidade, e ainda d'outras que proximamente serão aqui explanadas.

Alguem com maior competencia do que nós temos, se encarregou de em breve escrever scientificamente ácerca dos magnificos predicados que para a therapeutica possue aquella magnifica estancia, e então o assumpto será tractado com mais largueza e conhecimento de causa, de modo a influenciar o espirito publico para que elle dê calôr a uma ideia que se nos afigura dos mais proveitosos resultados.

Raridade.—Acha-se exposto para ser vendido, na montra da livraria Bertrand, em Lisboa, rua Nova do Almada, um Christo de marfim, feito na India portugueza, em 1506. E' obra verdadeiramente admiravel, não só pela sua antiguidade, como tambem por ser feita de um dente de elephante, que deveria ter extraordinarias dimensões, pois nenhum outro se encontraria actualmente de que se podesse fazer uma obra egual. Julga-se, por isso que seria dente de um elephante antidiluviano.

Os officiaes russos em Pariz.—Continuam as manifestações de sympathia por parte dos francezes á officialidade da esquadra russa. No sabbado ultimo, e a convite da municipalidade de Pariz, realisou-se a visita do almirante Avelan e demais officialidade da esquadra ao Circo Militar, Bolsa, Halles Centraes, Conservatorio de Artes e officios, Buttes-Chaumont, mercado e matadouro de La Vilette e parque Monceau. Quando o cortejo passava nas differentes ruas, algumas das quaes estavam ornamentadas, repetidas vezes se ouviam vivas á França e á Russia, os quaes eram correspondidos pelos conselheiros municipaes. Na rua das Pyramides os cavallos que tiravam a carruagem em que ia o almirante Avelan estacaram e não foi possivel pôl-os novamente a caminho, tendo o almirante de mudar para outro carro.

A recepção nos differentes edificios e parques que os officiaes russos visitaram foi muito sympathica e enthusiastica. No mercado de La Vilette o almirante Avelan foi presenteado com um pergaminho ornamentado com lindissimas illustrações e tendo impressa uma poesia de felicitação. São em grande numero e muito valiosos os presentes offerecidos ao almirante russo.

—Communicou o telegaapho, de Pariz, que quando os officiaes russos se dirigiam para o Hotel de Ville, um grupo orpheonico composto de 50 membros postou-se por baixo da varanda do Circulo militar, entoando uma cantata á Russia e á França. A multidão começou a testemunhar a sua satisfação applaudindo e dando vivas, quando de repente se ouviu uma detonação. Julgou-se ao principio que se tratava de algum gracejo, mas bem depressa se soube a verdade do occorrido. Um anarchista chamado Fernando Willisse disparou um revólver sobre a multidão, mas devido a um official de dragões que notara as intenções do anarchista e lhe erguera o braço, o tiro fôra disparado para o ar, não ficando ninguem ferido. Preso e interrogado, Willisse disse:

«Não quero exploradores; disparei não sei sobre quem, mas não receio a guilhotina. Sou anarchista livre.»

Willisse, diz o *Temps*, é um exaltado que se entrega á embriaguez.

Funeraes de Mac-Mahon.—*Paris, 23.*—Depois da ceremonia religiosa em Monteresson, as tropas desfilaram por deante do ataúde do marechal Mac-Mahon, que foi em seguida conduzido á estação do caminho de ferro para ser transportado a Paris.

No discurso que pronunciou por occasião do funeral do marechal Mac-Mahon, o ministro da guerra saudou em nome do exercito o seu illustre e venerado chefe, lembrou os seus altos feitos e consignou que o marechal Mac-Mahon, presidente da Republica, permaneceu soldado leal sem macula, respeitoso das leis e sempre fiel á sua divisa—Honra e Patria.

O czar em viagem.—Refere um correspondente de Copenhague que o imperador Alexandre III levou para alli nada menos de 300 malas de bagagem, sendo necessario 14 wagons para as transportar. Na Dinamarca o czar mostrou-se muito generoso. Distribuiu varias condecorações e presentes de objectos de ouro. Foram distribuidos 1:800$000 pelos criados de Fredensborg. Todos os funccionarios receberam cruzes de Santo Estanislau ou de Sant'Anna; os agentes de segurança foram presenteados com aneis de brilhantes; os chefes de estação de caminho de ferro e os telegraphistas com relogios de ouro e correntes, etc. Os pobres tambem tiveram occasião de se felicitar com a residencia de Alexandre III em Fredensborg. Um outro pormenor. Nas viagens, a princeza de Galles e suas filhas levam 150 malas.

Hespanhoes e marroquinos.—Continúa o reforço de tropas para Melila. Chegou alli ultimamente o *Rabat*, conduzindo a bordo 227 homens do batalhão disciplinario de Mahon, que foram recebidos pelo general Margallo e por muitos artilheiros. Ha dias apresentaram-se em frente do forte S. Lourenço dous mouros a cavallo, pretendendo chamar a attenção da guarda da fortaleza. Quando conseguiram isso, espetaram um pau no chão com um distico em arabe que a final se soube ser uma carta de Maimoncillo dirigida ao tenente-coronel do batalhão disciplinario, sr. Mir, e que dizia o seguinte: «Quero fallar-vos, mas não me atrevo a ir á praça com receio da authoridade: ide á margem do rio Oro, Signal: *cem duros e dous escudos*. Dizei essas palavras e eu apparecerei.» Maimoncillo frequentava a casa de Mir antes dos successos que acabam de dar-se e por isso eram amigos, mas julga-se certo que Margallo não consentirá que o tenente-coronel corresponda á entrevista. Os estudantes da Universidade de Zaragoza fizeram uma manifestação pelas ruas contra os successos de Melilla.

—As attenções em Hespanha estão cada vez mais fixas nos acontecimentos de Melilla. Ao que participou o telegrapho, temos que acrescentar os seguintes pormenores: O cruzador *Conde de Venadito* tem ordens para continuar a bombardear as trincheiras levantadas pelos riffenos em volta do Campo de Melilla. Os mouros, apesar dos destroços produzidos pelas balas do cruzador hespanhol, proseguem nas obras de defeza. Calcula-se que á primeira voz estarão 50:000 mouros promptos a tomar parte na guerra contra os hespanhoes. O general Mecias, que vai substituir o general Margallo no commando das tropas que se acham em Melilla, já esteve n'esta praça como governador e diz-se que conhece perfeitamente todo aquelle territorio. O general Mecias terá commando das tropas hespanholas, até que seja necessario fazer a nomeação de outro official de patente mais superior, o que succederá logo que sejam augmentadas as forças.

Indios e musulmanos.—Dizem de Calcuttá ao *Times* que occorreram novos disturbios entre indios e musulmanos na provincia ou presidencia de Bombaim. A mesquita de Nassik foi assaltada, por um bando de indios, que feriram alguns mahometanos. A policia teve de intervir, effectuando grande numero de prisões.

Entre matabeles e inglezes.—A'cerca do combate entre matabeles e as forças da Companhia ingleza da Africa do sul, a que ha dias nos referimos, encontramos no *Times* os seguintes pormenores: O combate deu-se em um desfiladeiro das montanhas de Indaime, que téem uma altitude média de 1,300 metros, a oéste da estrada que liga os fortes Charter e Victoria e a meio caminho entre o forte Salisbury e Buluwayo, onde se encontram respectivamente os quarteis generaes dos dous adversarios. Calcula-se terem ficado 100 matabeles mortos. As perdas soffridas pelas forças da Companhia são ainda desconhecidas. Entretanto participam de Johannesburg que o capitão Campbell foi ferido por uma bala em uma perna que se lhe teve de amputar, mas não resistiu a essa operação, fallecendo pouco depois. Depois da batalha, as columnas dos fortes Victoria e Charter, cuja juncção os matabeles queriam impedir, continuaram a sua marcha na direcção de Buluwayo, onde se suppõe que Lobengula se acha fortificado.

Conflicto em Africa.—Dizem da cidade do Cabo que as forças da Companhia da Africa do Sul derrotaram os matabeles em differentes encontros que tiveram, causando-lhes centenares de mortes. As mesmas forças avançam agora para a residencia do regulo Lubengula.

As mulheres medicas.—Refere uma folha estrangeira, [illegible] parenta do grande compositor Mendelssohn, Felicia Mendelssohn, depois de ter conquistado na Faculdade de Pariz o diploma de doutora em medicina, foi estabelecer-se no Cairo. Ultimamente a joven doutora foi chamada ao palacio do khediva, a fim de tratar a mãe d'este ultimo, que se achava gravemente enferma, e tal exito obteve, que o khediava nomeou-a medica do seu palacio, vencendo honorarios verdadeiramente principescos.

Rica e mendiga.—Na rua dos Martyres, em Paris, appareceu ha dias morta uma mulher de 87 annos, que toda a gente suppunha pobrissima, e que deixou uma consideravel fortuna. Chamavam-lhe mademoiselle Humbert e vivia n'estes ultimos annos das esmolas que lhe davam os transeuntes. Exercia a mendicidade perto de casa, e tinha uma apparencia tão miseravel, tão doentia, que era raro passar quem não lhe mettesse na mão qualquer moeda de cobre. O seu domicilio era um covil infecto. Ella comia e dormia no meio de immundicies, nunca fazia linpeza e o cheiro que sahia da mansarda, onde ella se abrigava, era tão nauseabundo, que empestava todo o predio. Quando o juiz de paz compareceu para proceder ao arrolamento encontrou, com grande surpreza, massos de titulos e sommas em dinheiro, escondidos no colchão e em todos os cantos do covil, montando a mais de 600:000 francos.

O jogo nos Estados-Unidos.—Tratando-se nos Estados-Unidos de pôr termo ao desenfreado jogo de azar, que alli causava a ruina das mais importantos casas e occasionava dramas repugnantissimos, resolveu-se ordenar o seguinte:

1.º E' permittido o jogo de azar pagando uma licença annual de um conto de réis.

2.º A propriedade onde houver jogo sem licença, pagará o dobro por desattenção á lei.

3.º A casa onde fôr permittido o jogo de azar terá um lampeão de noite e uma tabuleta de dia, com o seguinte distico: «Casa de vicio, onde se reunem homens de maus costumes, indignos da familia e da sociedade».

4.º Um agente da auctoridade, fiscalisará a ordem material em cada casa de jogo, fazendo registo dos nomes que lá entram, e no dia seguinte serão por ordem da auctoridade publicados nos jornaes da localidade.

Porque se não ha-de cá fazer o mesmo? Talvez désse resultado.

Novo cometa.—O astronomo do observatorio da Philadelphia, Brooks, participou ao observatorio de Pariz que descobrira na noute de quinta-feira um novo cometa, accrescentando que apresenta um intenso brilho. Por emquanto o cometa só pode ser visto com o auxilio de telescopio.

EFFEITOS DA GUERRA CIVIL NO BRAZIL

E' do *Conimbricense*, o seguinte artigo:

Chegou-nos á mão a copia de uma carta, dirigida pelo bispo do Rio Grande do Sul ao marquez de Tamandaré. A carta foi já escripta ha alguns mezes, mas a situação do Brazil, em logar de ter melhorado, tem-se desde então aggravado de um modo assombroso. Na occasião em que o bispo do Rio Grande do Sul escreveu a referida carta, de certo não suppunha que havia de chegar o tempo de se ver uma esquadra brazileisa a bombardear a cidade do Rio de Janeiro, causando-lhe prejuizos enormes, e que na mesma cidade e noutras terras do Brazil se haviam de praticar actos de canibalismo, só proprios dos antigos selvagens, habitantes d'esse paiz. Factos da ordem d'aquelles que relata o bispo do Rio Grande do Sul, são tão barbaros e atrozes, que fazem desacreditar o seculo actual e a sua apregoada civilisação.

Quando os francezes invadiram Portugal nos primeiros annos do seculo que está a terminar, praticaram n'este paiz actos revoltantes e de inaudita perversidade. Não poupavam o sexo, edade ou cathegoria. As mulheres, especialmente, foram as victimas preferidas pela soldadesca desenfreada, que parecia exceder os barbaros do norte, quando invadiram o imperio romano. No Brazil, porém, esses horrores não são praticados por extrangeiros; mas pelos proprios nacionaes, que praticam actos, que excedem aos das proprias feras. Eis ahi a carta do bispo do Rio Grande do Sul:

«Porto-Alegre, 24 de maio de 1893.
—Ex.mo amigo sr. marquez de Tamandaré.—Hoje pela manhã recebi o seu telegramma como membro da commissão *Cruz Vermelha*, pedindo meu apoio em favor da grande obra emprehendida por essa commissão.

Da minha parte estou disposto a concorrer com os meus poucos prestimos para tudo aquillo que desejar de mim a commissão. Peço-lhe, porém, com toda a simplicidade, queira declarar-me claramente o que deseja de mim a commissão. Em favor dos feridos já existe n'este Estado uma commissão, a qual dentro de poucos dias já angariou mais de 12 contos de reis.

Para o mesmo fim de soccorrer os feridos seria difficil de organisar aqui qualquer outra subscripção; mas o mesmo não acontecerá se trabalharmos em favor das viuvas, dos orphãos e dos innumeros miseraveis que hão de apparecer depois da guerra.

E' impossivel imaginar, e ainda menos facil será descrever o estado actual do Rio Grande, com excepção de alguns poucos pontos.

A fortuna principal é o gado, e este tem sido roubado, e até morto sem utilidade alguma, de onde resultará necessariamente acharem-se reduzidos á miseria muitos estancieiros ricos; o povo da campanha não tem trabalhado nas suas lavouras, e por isto mesmo os generos alimenticios de primeira necessidade vão subir a preços fabulosos, faltando-nos até a carne. A mortandade dos homens validos tem sido consideravel de uma parte e d'outra, seja ella produzida nas batalhas e tiroteios, ou pelas diversas pestes que tem atacado os pobres soldados, ou pelos actos de barbara e inaudita ferocidade; por isto mesmo o numero das viuvas e dos orphãos reduzidos á miseria será muito consideravel. Se continuarmos d'esta sorte: sem lei, sem garantia alguma para a vida, para a liberdade, para as nossas propriedades; entregues a despotas rancorosos, a feras desprezadas, ficará o Rio Grande completamente aniquilado. Tem-se chegado a amarrar na estacada o pae, feito despir a filha e neta para violal-as deante de seus olhos! A imprensa está por todos os modos amordaçada, e por isso nos outros Estados pouco se sabe do que está passando n'este infeliz Rio Grande. Vamos, pois, preparar soccorros para os miseraveis de toda a sorte, produzidos por estas luctas fratricidas, pela politica egoista, pelo despotismo. A caridade de todos os brazileiros se não poder remediar a tantas e tão grandes miserias, pelo menos trará algum allivio para os desgraçados. Aqui fico, pois, esperando as ordens de v. ex.ª com vontade de trabalhar em beneficio d'este povo, digno por certo de melhor sorte; reclamando tambem a generosa compaixão de todos os brazileiros por meio d'essa commissão. Com a mais alta estima e consideração, de v. ex.ª amigo, criado e obrigadissimo.

Claudio José, bispo do Rio Grande do Sul».

Vejam a que situação chegou o Brazil, esse paiz que parece querer riscar-se da lista das nações civilisadas. E é para alli que as nossas populações emigram, quasi em massa! E' para um paiz onde as mulheres são tratadas da forma que refere o bisdo do Rio Grande do Sul! Os emigrantes de Portugal, logo que chegam ao Brazil, tem de seguir para o interior d'aquelle paiz, sujeitando-se aos trabalhos mais pesados. Alli não ha quem puna os criminosos, e por isso quando as mulheres dos emigrantes são victimas dos actos de maior selvageria, não ha para quem reclamar justiça, e não poucas vezes os maridos e paes d'essas victimas são assassinados, para deixarem á vontade os auctores de taes cruezas. E apesar de tudo isto, continuam a encher-se de emigrantes os navios que vão para o Brazil. Que cegueira! Que loucura!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

AZEITÃO

PAÇO DOS AVEIROS EM SUAS RELAÇÕES COM A HISTORIA

XII

AS EXECUÇÕES DE BELEM

A' morte de D. José succedeu a mais desenfreada reacção a todos os actos do seu governo, choviam os censores, que por toda a parte semeavam falsa lição, enxameavam os martyres, lançando ao vento sentidos ais, choravam-se por milhares as ossadas dos prisioneiros restadas nos carceres.

Não convinha, aos interessados, tolher esta expansão calculada, mas, para não destruir ou abalar o principio da auctoridade real, nem muito ferir os respeitos e sentir filial da successora do monarcha defuncto, lançou-se tudo a cargo do seu primeiro ministro Pombal. Tirada a responsabilidade ao soberano, poude ter largas a maledicencia, fazerem-se narrativas extraordinarias e prégar o horror a todos os actos do governo de D. José.

Fez-se crer que este governo custara tão subido numero de vidas de pessoas gradas, como não havia exemplo na historia.

Sem tratar de causas ou justiça, demonstra-se facilmente o contrario com exemplos da historia nacional.

D. João II para restabelecer a auctoridade, que não estava mais abalada, teve de victimar 8 senhores da mais alta linhagem do paiz,—comprehendendo 2 duques e um bispo. O fim dos conspiradores foi, um decapitado pelo algoz, um apunhalado pelo rei, 3 degolados, um esquartejado e 2 mortos na prisão.

D. João IV, com pouco mais de um anno de throno, fez suppliciar 10 conspiradores, dos quaes 1 duque, 1 marquez e um conde na prisão morreram um arcebispo e um bispo. Dos suppliciados, 4 foram degolados, 4 enforcados e 2 arrastados.

Os famosos *autos de fé* eram bem mais crueis do que as execuções de Belem e não tem comparação numerica possivel, porque a unidade d'estas fica muito inferior aos milhares inquisitoriaes. Accrescenta-se que as execuções de 1759 foram de uma *feresa cruel que nunca teve exemplo*. Esta feresa só modernamente poderia ser encontrada, porque um povo affeito aos horrores do *santo officio*, não seria muito sensivel ao espectaculo do justiçamento de alguns criminosos pouco sympathicos e que lhe eram estranhos.

Os réos do regicidio de 1758 foram rodados e os seus corpos queimados.

A *roda* em pleno seculo XVIII não era um supplicio de nova invenção, nem buscado dos tempos do maior barbarismo, vinha-nos da França *elegante, pensadora e humanitaria*. Um sabio de origem franceza escreve em 1720:

—«Hoje em França a roda é o supplicio que se dá aos assassinos. Estende-se o corpo do paciente em uma especie de roda no ar sobre o cadafalso e lhe atam braços e pernas aos quatro raios da roda e com varão de ferro, o algoz lhe quebra as canellas... e depois de lhe dar o ultimo golpe no peito, deixa o algoz ao justificado morto ou agonisante...»

Foi isto que se fez em 13 de janeiro de 1759, poupando-se ainda a nudez do supplicado usada em França.

Dois annos apenas, antes, n'este mesmo paiz, suppliciava-se Damiens muito mais barbaramente por crime muito menos grave, do que o attentado contra o rei de Portugal.

Damiens criado dos jesuitas, no dia 5 de janeiro de 1757, ás 6 horas da tarde, feriu levemente Luiz XV de França, que se achava rodeado dos cortezãos e das suas guardas. O pobre louco armara-se de uma navalha, que de um lado tinha uma lamina de quatro polegadas e do outro um canivete de aparar pennas e foi d'este que se serviu. Apanhado em flagrante, declarou, que só tivera em vista dar por aquella forma um aviso ao rei.

Estas circumstancias bem mostram a perturbação intellectual do pretendido assassino.

O guarda dos sellos Machault, o chanceller Lemoignou e o ministro dos extrangeiros Rouillé fizeram logo tenazar as carnes do desgraçado por dois *guardas do corpo*, que para tal se offereceram.

Todo o correr do processo confirmou o desarranjo intellectual de Damiens. Os principes e os pares de França assistiram ao julgamento e condemnação do infeliz louco.

De Aviguou foi mandada vir uma *machina extraordinaria* para o martyrio e a sentença foi executada no dia 28 de março do mesmo anno. O condemnado saiu da prisão ás 6 horas da manhã e só chegou á praça de Greve ás 3 horas da tarde, aonde o esperava a côrte e a sociedade mais selecta de Paris.

Começou pelo supplicio dos *borze-*

4

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

PROLOGO

NA TERRA E NO MAR

III

OS DOIS RIVAES

Leão e Luiza uniram-se matrimonialmente antes de findar o luto; e como a situação não permittia regosijo algum, contentaram-se com um convite a Thon Strey, immediato do *Juan Lorenzo*, e com distribuirem alguns barris de genebra á tripulação.

O primeiro passo de Luiza, depois da morte de seu pae, foi dar liberdade aos escravos. Quando o bergantim se fez de vela, cem almas agradecidas, cem desventurados que até então tinham vivido sem liberdade, sem familia, presenciando a venda de seus filhos nos mercados publicos e consumindo a vida nos engenhos, onde sempre os esperava o implacavel látego do *mioral*, bemdiziam desde a praia a sua caridosa bemfeitora.

O *Juan Lorenzo* ancorou em Valencia, muitos dias. Leão estava louco de alegria. A alma de Luiza inebriava-se de amor e ventura. No dia em que o bravo marinheiro quiz despedir-se de sua esposa para continuar a percorrer os mares, disse-lhe ella:

—Não, meu Rogel; não me separarei de ti: quero affrontar comtigo os perigos, como gozo as horas de alegria. Leva-me, se não queres que morra de saudade.

N'aquella mesma tarde, á luz suave da lua, via-se uma lancha movida por quatro robustos remeiros, cortar galhardamente as ondas. Dentro d'ella iam Leão e Luiza.

Uma hora depois ouviu-se um tiro de peça, e os amigos dos dois esposos, que os tinham acompanhado até á praia viram partir o *Juan Lorenzo*.

Nos primeiros mezes o camarote do capitão foi um ninho de amor e de *delicias. A felicidade batia contente* sobre elle as suas azas impalpaveis. O olhar de Luiza era a vida de Leão. Sempre junto da esposa, confiara completamente no immediato. Thon Strey era o capitão, era o dono, era tudo no bergantim. No decurso dos seis primeiros mezes Leão só cuidára de Luiza. Assim foi correndo o tempo. Na occasião de dobrar o cabo da Boa Esperança, Luiza deu á luz uma formosa menina. O bergantim fundeou no porto philippino, e alli se baptisou a recem-nascida, recebendo o nome de Magdalena.

A instancias de Luiza, Leão pensou pela primeira vez em retirar-se da perigosa vida do mar. Hesitou ainda por muito tempo, mas por fim decidiu-se a trocar a agitação da vida maritima pela paz da familia, e com um diminuto peculio, fructo do seu trabalho e economia, retirou-se completamente.

Thon Strey ficou com a propriedade do *Juan Lorenzo*, e regressou á America. Antes de partir, despediu-se de Luiza, abraçou com ternura o capitão, e disse-lhe com toda a gravidade de que é capaz um norte-americano:

—Adeus, capitão; se a familia o retem aqui, a minha chama-me á patria. Sabe que meu filho John vae sendo homem, e eu, que o amo muito, devo pensar no seu futuro. Se algum dia elle vier aqui; espero que o capitão premiará no filho a estima que lhe merece o pae.

Os annos passam com uma rapidez pasmosa. Quando Leão adormeceu ao doce enlevo de seus sonhos de amor, tinha quarenta annos. Quando despertou, as rugas sulcavam-lhe a fronte e as cans coroavam-lhe a cabeça. Magdalena era já uma bella rapariga que ajudava sua mãe nos trafegos caseiros e entendia bem do arranjo da casa. Leão, convertido de intrepido marinheiro em pescador de cana, era completamente feliz. A paz do lar domestico era a sua ventura; a familia o seu unico amor sobre a terra. Mas como no mundo tudo tem fim, veiu a morte roubar-lhe Luiza, a infatigavel companheira de toda a sua vida, e Magdalena ficou sendo o unico objecto do seu amor.

Pae e filha, assentados á sombra de uma arvore corpulenta, ou á beira-mar, patenteavam um ao outro penas, alegrias e projectos, e Magdalena, que era um anjo, ouvia dos labios do auctor dos seus dias as virtudes de sua mãe, que pouco a pouco lhe infiltravam n'alma piedade para todas as creaturas. Um dia o semblante de Leão mostrou-se animado de um raio de esperança, os olhos marejaram-se-lhe de lagrimas, as tremulas mãos juntaram-se lhe sobre o peito, e os labios gelados pelo tempo pronunciaram um «Deus te proteja» que fez chorar Magdalena. Depois ergueu-se sobre as debeis pernas, assignalou com o indece estendido para o mar um navio que demandava o porto, e abraçou a filha com ternura, dizendo-lhe:

—Eil-o ahi, minha filha, eil-o ahi; ainda o conheço, ainda o amo: aquelle barco que se aproxima da terra é o meu bergantim, é o *Juan Lorenzo*!

Extasiava-o a alegria. Chamou logo um dos maritimos que tinham bobotes de transporte, entrou n'um com sua filha, e vogou pelo mar fóra até chegar ao bergantim.

—Quem é o capitão d'este navio? —perguntou Rogel no aspero idioma dos filhos de Albion.

O contramestre debruçou-se na amurada de bombordo, e respondeu laconicamente:

—John Strey.

—O filho de Thon?

—O mesmo.

—Pois diga a John Strey que Leão Rogel, o antigo capitão do *Juan Lorenzo*, pede permissão para visital-o.

Pouco depois um moço pallido, alto e louro, de frio sorriso, olhar glacial e andar pausado, appareceu sobre a tolda. Recebeu os hospedes com circumspecção extrema e conduziu-os á sua camara.

Leão visitou a obra morta, os camarotes, o porão, consagrando a cada compartimento uma lagrima ou uma recordação da juventude. Entretanto os olhos de Strey fixaram-se com tenacidade em Magdalena; o seu caracter insociavel e rispido em principio, ia-se tornando amavel e expansivo. Depois de reavivar as cicatrisadas feridas com o recordar de uma vida de amor que julgara eterna, Leão solicitou de John Strey a honra de este o acompanhar á sua vivenda. O novo capitão acceitou commovido tanta deferencia, e enviou a Magdaleda um olhar que poderia traduzir-se por:

—Acceito por tua causa, encantadora menina.

Magdalena baixou os olhos e dispoz-se a sahir do bergantim. John offereceu-lhe a mão para a ajudar a descer, recebeu-a nos braços e apertou-lhe docemente a cintura. Magdalena estremeceu, não de amor, de ira.

Dois dias depois, John, que fôra extraordinariamente obsequiado por Leão, pediu licença para continuar a sua derrota.

—Aonde vae, John?—perguntou o velho capitão.

—A Veracruz, e d'ahi á Hespanha, se o senhor de Moran de quem lhe fallei, me recomendar efficazmente como espero á casa G. H. Marmontel, para que me entregue o commando do seu ultimo navio, o *Poderoso*.

—Pelo que vejo, apesar de ser ainda muito novo—não lhe faço mais de trinta e dois annos—tem percorrido todos os mares.

—Todos, senhor.

—Pois Deus o acompanhe, John, e queira Elle que o seu proceder na minha patria o faça tão digno de apreço como o foi seu pae, de quem não posso esquecer-me.

—Estimaria que eu voltasse?—perguntou o marinheiro a Magdalena.

Esta encolheu graciosamente os hombros, e viu-o partir com olhos enxutos e indifferentes.

Na manhã seguinte, um indio annunciou a Leão um visitante. O velho capitão saiu immediatamente, e com bastante surpreza observou que o recem-chegado era um moço de vinte a vinte e dois annos, vestindo o honroso uniforme dos marinheiros mercantes hespanhoes. O visitante, que disse chamar-se Anselmo, e ser capitão do *Poderoso*, ultimo navio construido em Inglaterra para os senhores G. H. Marmontel, era alto, airoso, arrogante, e o rosto, de correctissimas feições e queimado pelo ardente sol dos tropicos, era aformoseado por fartas suissas negras e crespas, que lhe desciam até aos hombros. Os olhos azues claros reflectiam o fogo d'alma e a tempera do coração, tão virgem para o amor como afeito ao infortunio e ao perigo. Anselmo, como todos os marinheiros hespanhoes, era integro, honrado, franco e generoso.

—Muito lhe agradeço esta visita —disse-lhe Rogel—pelas recordações que me desperta.

—Tambem os seus compatriotas se não esqueçem do sr. Rogel—respondeu o marinheiro—e enviam-lhe mais de cem pequeninos presentes.

Decorrida meia hora de conversação, Anselmo tinha sympathisado muito com o velho capitão. Pouco depois viu Magdalena, e sentiu o que nunca sentira.

Leão guardára a maior reserva a respeito da resolução de John Strey. Mas desejoso de saber qual dos dois possuia mais meritos para desempenhar o difficil cargo de capitão de um barco de novecentas toneladas, como o *Poderoso*, perguntou-lhe, occultando as intenções da pergunta:

—Que tempo tem o senhor de pratica?

—Toda a minha vida—respondeu Anselmo sorrindo.

—Nasci pobre, recolheram-me os senhores G. H. Marmontel, educaram-me á sua custa, e aos nove annos já eu cruzava o oceano na qualidade de grumete de *La Blanca*.

—Ah! *La Blanca!* Parece que a vejo ainda!

—Fui subindo pouco a pouco, é hoje o velho Marmontel desejaria que eu commandasse ao mesmo tempo, se possivel fôra, todas as suas embarcações. Quando regresso de longa viagem, tendo atravessado todos os mares e affrontado todos os perigos, chora o bom velho sobre o meu hombro como um pae, e diz-me com a ternura propria do seu generos coração:

—Assim o esperava, Anselmo, aonde tu vaes não ha perigo: és o primeiro capitão da nossa praça.

«Não sabe o meu bom protector as provas de amisade que ha de dar-me, e escogita sempre mil modos de favorecer-me. A estima que lhe mereço levou-o a entregar-me o *Poderoso*, que custou muitos milhões á casa. Oh! se este navio naufragasse, eu não resistiria á dôr; Bem sabe o senhor Rogel quanto um bom marinheiro ama o navio que lhe confiam.

—Sei, sei!

Rogel pediu-lhe depois que ficasse alguns dias em sua companhia. Anacceitou o offerecimento, como o havia acceitado John, olhando sem cessar para Magdalena. Mas d'esta vez a menina patenteava no sorriso o prazer que lhe ia n'alma.

Passados oito dias, estes dois corações virgens e generosos palpitavam sob a influencia de um amor inextinguivel.

Conhecendo que a partida de Anselmo era inevitavel, Magdalena chorava amargamente; elle apertava-lhe as mãos com ternura, e exclamava com paixão:

— E' impossivel separarmo-nos, Magdalena!

Na manhã seguinte encerrou-se em um gabinete com o velho capitão do *Juan Lorenzo*, a pediu-lhe a mão de sua filha. Leão escutou-o com lagrimas de jubilo, e concluida a petição, disse-lhe:

—Se acceitas a condição que te imponho, tens o meu consentimento.

—Estou prompto a acceital-a.

—Talvez seja demasiado custosa.

—Diga, diga o que é.

—Pois bem; casa-te quando quizeres mas não me separes de minha filha até que me chegue a hora do passamento: é o unico amparo da minha vida. Anselmo, que bem conhecia a impossibilidade de embarcar o velho capitão, pelo seu melindroso estado, abraçou-o cheio de contentamento, respondendo depois de mediar algum tempo:

Meu pae, regressarei á Hespanha, pedirei licença illimitada, e virei viver comsigo n'este retiro; mas antes é indispensavel que Deus santifique os meus desejos, dando-me por esposa Magdalena.

Alguns dias depois, o moço capitão despediu-se de sua esposa e em prehendeu a ultima viagem. Esta ausencia, que tantas lagrimas lhe custava, causou uma enfermidade a Magdalena.

(Continua.)

guins, que o paciente soffreu por hora e meia. Este meio de tortura era applicado para arrancar a confissão dos suppostos réos, outras vezes, como no caso presente, era aggravante da pena e supplicio.

Era um genero de calçado alto de couro, que envolvia pés e pernas do paciente, molhado e fortemente apertado, approximava-se do fogo, que contrahindo o couro, causava dores atrozes ao paciente. Havia uma outra especie de *borzeguins*, consistia em dois pares de pranchetas de madeira ligadas fortemente ás pernas introduziam-se a maço, cunhas, entre as taboas de madeira a esmagar os ossos.

A mão, que empunhára a *arma regicida* foi-lhe queimada n'um fogareiro. A's quatro horas e meia despiram-o, para lhe tenazarem as carnes, derramando-se-lhe nas feridas azeite fervente, pêz e chumbo derretidos.

Em seguida foram-lhe atados os braços e pernas aos rabos de quatro possantes cavallos, para lh'os separarem do tronco e, como depois de repetidos exforços, o não conseguissem, duplicou-se o numero de cavallos e ainda assim os algozes tiveram de golpear-lhe as articulações para obterem a separação dos membros. O tronco, que ainda respirava, foi lançado na fogueira e eram seis horas e meia quando se deu fim a tantos horrores.

No dia seguinte ao supplicio de Damiens, o pae, a mulher e uma filha, que estavam a muitas leguas e desconheciam totalmente o crime, suas causas e circumstancias, foram banidos da França, e aos demais parentes foi-lhes prohibido, sob pena de morte, o uso do appellido Damiens.

A cidade Amiens requereu para trocar o seu nome pelo de Louisville!

Ha ainda a notar para confronto. O supplicio de Damiens foi á hora *elegante* e em presença da côrte dos grandes e de quantos argentarios poderam alcançar uma janella na praça pelo mais elevado preço, a execução dos Tavoras foi de madrugada, n'um logar desviado do centro da população e só teve a presenceal-a os executores da alta justiça e a multidão ignara, affeita e saudosa dos *autos de fé*.

Em 1766, sete annos decorridos depois das execuções de Belem, foram justificados em Abbeville com uma crueza, a que nem de leve tocaram aquellas execuções. Labarre e mais quatro mancebos estouvados, que desrespeitaram uma imagem de Christo, que estava sobre as portas da cidade, foram condemnados a serem-lhes arrancadas as linguas com tenazes e depois queimados a fogo lento. Foi espantosa a coragem tranquilla de Laborde, um dos suppliciados, que supportou toda a execução sem soltar um gemido.

Estes exemplos são de um paiz de costumes aprimorados, com uma côrte em que havia toda a polidez e galanteria de Luiz XIV e XV, com homens preparados para os extraordinarios successos, que breve advieram, emquanto Portugal, ensandecido pelo jesuitismo e congeneres, tinha apenas oito annos de reinado de D. José a furtal-o ás trevas.

(Continúa).

J. Rasteiro.

ASSUMPTOS MILITARES

O VELOCIPEDE NA GUERRA

Terminadas as manobras, em todos os exercitos se trata de estudar as vantagens e inconvenientes dos processos empregados e das machinas experimentadas para approveitar e aperfeiçoar umas e pôr de parte e substituir outras. E' hoje um facto reconhecido que os velocipedistas militares podem prestar magnificos serviços, não só como ordenanças mas tambem como esclarecedores, e até como combatentes, desde o momento em que sejam habeis, bem exercitados e tenham completo conhecimento dos diversos serviços que devem desempenhar. O serviço dos velocipedistas no periodo de manobras que acaba de findar deixou completamente satisfeitos todos os officiaes encarregados d'este ramo d'instrucção militar, e muito principalmente os Estados-Maiores. Em França foi-se d'esta vez um pouco mais longe, e de simples transmissores d'ordens passaram os velocipedistas pela primeira vez a serem empregados em reconhecimento extraordinario e reconhecimentos de patrulha de cavallaria inimiga. E tão bem se houveram, que passavam nas *bochechas* da cavallaria; e sendo perseguidos por esta conseguiram sempre chegar aos seus postos avançados sem que nunca nenhum fosse feito prisioneiro.

O emprego dos velocipedistas n'este serviço foi um grande passo com que se reconheceu a excellencia e utilidade d'este auxiliar, que muitos *rotineiros* não querem tomar a serio e para os quaes elle não passa d'um simples divertimento algo grutesco.

Mas apesar de tudo, a verdade é uma só e o papel que os velocipedistas militares desempenharam nos exercitos estrangeiros e mesmo no nosso, provocou verdadeiro enthusiasmo. Como todas as cousas d'este mundo, a velocipedia militar tem prós e contras.

Como meio de locomoção apresenta vantagens importantes:—o seu custo é relativamente pouco elevado e as despezas de conservação insignificantes. Sendo d'um uso commodo, não tem outros limites, como fundo e rapidez, senão as for do *veloceman*, e mesmo de noite a sua marcha é ainda bastante rapida; sendo qualidades apreciaveis a sua pequena altura e o silencio do seu andamento. Pelo contrario tem ou melhor tinha (como adeante mostraremos) o grande defeito de estar quasi absolutamente ligado ás estradas; se as estradas ou caminhos são bons e pouco accidentados, o velocipedista dispõe de todos os meios de superioridade, se as estradas são más será pequena a velocidade que póde empregar, e chegará a pontos em que não lhe será possivel servir-se da sua machina; emfim fóra das estradas e caminhos, o seu emprego não é pratico.

Do que acabamos de dizer, conclue se que o velocipede apresenta sobre um cavallo tres grandes vantagens: preço, despeza de conservação e rapidez; ao passo que o cavallo tem sobre elle a enormissima superioridade de poder passar quasi por toda a parte.

Os caminhos são por assim dizer indispensaveis ao primeiro, emquanto que o segundo passa sem elles. Mas nas condicções em que o velocipede possa ser empregado, faz elle *etapes* muito mais longas que o cavallo.

Se o velocipedista não póde passar por todos os terrenos, tem ainda assim á sua disposição os innumeros caminhos que se cruzam em todas as direcções, servindo-se, visto que a bycicleta precisa d'um pequeno espaço de terreno para passar, das veredas e estreitos carreiros que por toda a parte se encontram; e se algumas vezes estes lhe faltarem completamente, visto que a sua machina não é mais pesada do do que a muchila, leval-a-ha á mão ou transportal-a-ha mesmo ás costas quando não possa marchar d'outra fórma. Os declives não são em absoluto desvantajosos para o velocipedista, porque, se são difficeis na subida, são um grande auxiliar na descida.

Se compararmos o cavalleiro com o velocipedista debaixo do ponto de vista do tiro que só é feito excepcionalmente a cavallo, temos: com o revolver o cavalleiro atira em qualquer andamento dirigindo simplesmente a arma na direcção do alvo. A pouca justeza d'um tiro feito em taes condicções, restringe-o a ser feito a pequenas distancias. Com a carabina, o cavalleiro tem de parar o cavallo e collocal-o de fórma que o alvo lhe fique á esquerda. O velocipedista póde perfeitamente fazer uso do revolver de cima do velocipede, e, em razão do seu corpo, estabilidade que augmenta com a velocidade, atira a maior distancia que o cavalleiro, obtendo maiores resultados pois que póde visar. Empregando a carabina, o velocipedista deve descer, movimento mais rapido do que parar e collocar convenientemente o cavallo; podendo então atirar em boas condicções apoiando mesmo a carabina no velocipede, e tornando a montar rapidamente, partir; isto no espaço de alguns segundos. Mas para fazer isto é preciso que o velocipedista, como no principio dissemos, seja habil, e que a sua *montada* não tenha segredos para elle.

Dissemos que a maior parte das vias de communicação eram do dominio do velocipedista, e que elle podia passar atravez dos campos quer sobre a sua machina, quer transportando-a, tornando-se assim apto para um sem numero de pequenas opperações de guerra, taes como; a destruição d'uma linha ferrea, d'uma gare, d'uma obra d'arte, occupação d'um ponto importante esperando pelas forças que o devem guarnecer e defender diffinitivamente. Na guerra de guerrilhas, devem os velocipedistas ser de grande proveito. Mas para tudo isto é condicção essencial que elles estejam bem exercitados. Para seguir uma vereda de 0m,40 a 0m,50 de largura, deve o velocipedistas ser senhor absoluto da sua machina, porque nesse caso o andamento é subordinado ao caminho, e se é facil n'uma andadura rapida marchar seguindo um caminho estreito, é bastante difficil percorrer o mesmo trajecto n'um andamento vagaroso. Debaixo do ponto de vista do tiro, o velocipedista deve derigir a sua machina com uma só mão, e saltar abaixo vá ella em que andamento fôr. A velocipedia militar deixa, pois, de ser um exercicio hygienico e agradavel, para se tornar n'um serviço penoso, exigindo dos velocipedistas esforços violentos e continuos. Os dois grandes inimigos da velocipedia,—os terrenos lavrados e as subidas — estão hoje vencidos; o primeiro com o uso do novo modelo de bycicleta, de dupla roda concentrica, cujos cintos são ligados por molas e que foi experimentada nas ultimas manobras do exercito francez, pelos velocipedistas da 46.ª divisão, dando resultados magnificos. O segundo, com o emprego das machinas Pegaso, para diminuir a multiplicação nas subidas, mudando a velocidade e tornar menor o esforço do velocipedista. Finalmente, ainda que pese aos rotineiros, a velocipedia militar é uma realidade; e em todos os exercitos onde foi ultimamente empregada, os velocipedistas mostraram-se poderosos auxiliares, capazes de prestar excellentes serviços em campanha.

CARTA DE VALLE DE BESTEIROS

24 DE OUTUBRO DE 1893.

Continua a estar aqui um calor quasi insuportavel. Com isto tem lucrado os lavradores, que ainda tinham os milhos por seccar e que teem aproveitado para isso esta excellente estiagem. Oxalá, porém, que o excessivo calor não nos traga alguma trovoada, o que é por aqui muito frequente e quasi sempre perigoso.

— No logar de Molellinhos, freguezia do Molellos, falleceu no domingo, 15 do corrente, o sr. padre Cezar Ribeiro das Neves de Mattos Viegas. A sua morte foi muito sentida, e os officios por sua alma tiveram uma numerosa concorrencia. O pae d'este ecclesiastico deixou de ser ha pouco escrivão de fazenda em Estarreja, oude serviu digna e excellentemente.

Tambem falleceu no dia 13 em Villar Secco o sr. Antonio d'Albuquerque e Brito da Silveira, natural do concelho de Nellas e administrador do concelho de Santa Combadão. Gosava de geraes sympathias. Por causa da sua morte, ficou servindo aquelle cargo o sr. José da Silva Leão.

— O sr. José Marques Pinto, de Cannas de Senhorim, concelho de Nellas, tem para vender enxertos e estacas de cepas americanas e todos os objectos indispensaveis para a applicação dos remedios, destinados a combater as molestias das vinhas. E' um bom serviço e uma commodidade para os viticultores.

— No logar da Ermida, freguezia e concelho de Tondella, acaba de dar-se um caso, que para muita gente deve servir de prevenção contra casos identicos. Lourenço Marques era sujeito a uns ataques que o deixavam por morto. Tendo ha dias soffrido um d'esses ataques, a familia julgou-o cadaver e tratou do enterro do infeliz Lourenço. Já elle se achava no caixão, quando deu evidentss signaes de vida. Infelizmente, porém, não foi esta muito longa, porque d'ahi a dias falleceu de vez o Lourenço Marques, que foi enterrado na mesma cova, que já para elle havia sido aberta. Tinha de ser.

— Estava para effectuar-se no dia 5 de novembro a benção da egreja nova de Parada de Gonta. Por motivos muito justos, só se realisará essa cerimonia no primeiro domingo de março de 1894. A festa será ruidosa e no mesmo dia terá logar a inauguração da feira mensal, que alli vae fazer-se.

— Tem estado na Villa de Matto, concelho do Carregal do Sal, a sr.ª condessa de Rio Maior. Foi alli visitar sua prima, a sr.ª D. Maria Angelica Soares de Albergaria.

— Em Mondim da Beira tem grassado muitos typhos, que já bastantes victimas tem feito. O povo d'alli anda atterrado.

— A molestia da *manqueira* tem aqui atacado muito o gado lanigero e caprino. Os povos d'aqui desconhecem remedio para tal molestia, que, na verdade, muito incommoda os animaes.

— Por hoje nada mais. Até á semana.

* * *

COMMUNICADOS

Pedem-nos a publicação do seguinte:

CONSULTA

Na freguezia de A. o coadjutor tem de congrua 70$000 reis, que são pagos por derrama. No anno de 1886 a 1887 não houve coadjutor na freguezia, e o serviço parochial foi todo feito pelo parocho e por alguns ecclesiasticos que por obsequio a elle se prestaram a ajudal-o, e a quem elle por algumas vezes gratificou e com quem fez despezas.

Pergunta-se: terá o parocho direito aos 70$000 reis da derrama que estava destinada para o coadjutor?

RESPOSTA

Não é nova esta questão. Foi já proposta e resolvida no *Direito*, vol. XV, pag. 103. Sustenta-se alli que a congrua derramada para o coadjutor pertence ao parocho, quando este faz todo o serviço por não ter havido coadjutor durante o anno.

A argumentação do *Direito* resume-se no seguinte: Conforme o artigo 7.º, § 4.º da lei de 20 de julho de 1839, o rendimento parochial excedente á congrua do parocho, deve ser applicado para a congrua do coadjutor, havendo-o, e não o havendo, todo esse rendimento pertence ao parocho. Ora ainda que esta disposição se refere sómente aos benesses e não comprehende, por isso, a derrama; todavia, os casos são perfeitamente analogos, as razões de decidir as mesmas, e deve, portanto, applicar-se á derrama a regra do citado artigo 7.º. Além d'isso, não é injusto que o parocho, tendo feito todo o serviço que devia ser desempenhado por elle e pelo coadjutor, receba a congrua que a ambos pertencia. Taes são os argumentos em que a muita illustrada redacção do *Direito* apoia a sua opinião.

Não nos parecem elles inteiramente concludentes. Em primeiro logar, ha muita differença entre os rendimentos parochiaes, de que trata o art. 7.º, § 4.º da citada lei, e a derrama. Aquelles rendimentos comprehendem os fructos do passal, o pé d'altar e as demais prestações que por uso e costume os freguezes são obrigados a pagar. Constituem propriamente o beneficio. E a derrama, essa, não é senão uma parte subsidiaria d'elle. Foi arbitrada sómente nas freguezias em que se julgaram insufficientes as outras fontes da receita parochial para a decente sustentação do parocho e do coadjutor. Por conseguinte, mal poderiam applicar-se á derrama, que nunca se presume excessiva, as disposições que o cit. art. 7.º, § 4.º, estabelece para os benesses que excedem a congrua do parocho e do coadjutor.

Além d'isso, a derrama arbitrada para o coadjutor é totalmente independente do beneficio parochial. Ainda se comprehendia que, se a congrua do coadjutor fosse constituida á custa do beneficio, o parocho tivesse direito de a cobrar nos annos em que não houvesse coadjutor. Mas como a derrama não desfalca o beneficio, pois que é paga directamente pelos freguezes, a que titulo a receberia o parocho se ella só para o coadjutor é arbitrada? Pois póde ter direito á derrama do coadjutor aquelle que o não é? Se em uma repartição publica fallece, ou é suspenso algum dos empregados e os que ficam fazem todo o serviço, porventura recebem estes o ordenado do que falta? Não, certamente. O excesso dos serviços extraordinariamente desempenhados por um funccionario publico, podem ser fundamento justo para uma gratificação razoavel, competentemente arbitrada e auctorisada. Mas seria novidade burocratica, destoante de todas as regras, que um empregado, só porque voluntariamente e sem commissão de ninguem, tomou sobre si e desempenhou serviços que deviam ser feitos por outro, repute seus, vencimentos que não foram estabelecidos para elle. Diz-se que não é injusto que o parocho, tendo trabalhado por si e pelo coadjutor, receba tambem os proventos que pertenciam a um e a outro. Não seria injusto que a lei assim o determinasse. Mas é injusto receber o que a lei não permitte.

Entendemos, pois, que o parocho nenhum direito tem á derrama arbitrada para o coadjutor. Quando é elle só a fazer o serviço por não haver coadjutor, o que é regular é que os freguezes não paguem a respectiva derrama.

M. BAPTISTA DA CUNHA,
Arcebispo de Mitylene.

(Revista *Instituições Christãs*, de 20 d'outubro de 1887.)

SECÇÃO LITTERARIA

UMA HISTORIA DE JOGO

I

Fallava-se de um batoteiro que fora expulso de um club de Paris, e cada qual contava uma historia

Se o nosso capitão J... nada dizia.

—E o capitão não tem que contar?—perguntei-lhe.—Não paga tambem o seu tributo?

—Se o desejam...

—Claro que desejamos.

—Está bem; mas advirto os que a minha historia não se parece com as vossas, e de que o meu heroe é muito interessante.

—Tanto melhor.

O capitão accendeu o cigarro, levantou-se e encostou-se ao fogão.

Formámos circulo junto d'elle para o ouvir-mos melhor, com essa avidez um tanto curiosa dos homens, que no fim de contas não são mais do que meninos grandes.

II

Ha de haver seis annos—começou o official—estava eu de guarnição em M..., triste e solitaria villa de um departamente insignificante. Nem uma distracção alli havia! Acabando o meu trabalho diario, não zabia que fixesse e adquiri pouco a pouco o habito de passar a noite no Club União, unico que havia na terra, e que era assim chamado talvez porque os seus socios estavam sempre a questionar uns com os outros. Em geral jogava-se pouco, excepto nas tres grades feiras do anno, cada uma das quaes durava tres dias. N'uma tarde de outomno, pelo principio de uma d'aquellas feiras, cheguei muito cedo ao club. Estava lá muita gente que eu não conhecia; abastados lavradores que raramente iam á villa, ou fidalguinhos dos arredores que poucas vezes saiam das suas casas solarengas.

—Hoje ha uma boa partida—disse-me um frequentador assiduo—Isto vae ser curioso.

Voltei me para a mesa do jogo e a custo contive um grito de surpreza.

O banqueiro era um rapaz de vinte e dois ou vinte e tres annos a quem eu conhecia de vista.

Interessava me aquelle homem cujo pae, que morrera valorosamente em Magenta, deixára uma pequena fortuna e um nome respeitado. Raras vezes ia ao club, e nunca jogava. Surprehendeu-me, pois, muito vel-o a fazer banca com uma quantia importante, a julgar pelas notas e moedas de oiro que amontoava na sua frente.

Quanto admitte a banca?— perguntou d'alli alguem.

—Oh!—exclamou outro rindo.—Mr. de Mertenz está em veia póde admittir todas as paradas.

O mancebo estava muito pallido e notava-se-lhe no olhar uma especie de desvario.

—Está aberta a banca— balbuciou elle.

Aquillo foi como uma evocação á má sorte.

Dez vezes o desgraçado Mertenz perdeu. Num quarto d'hora fôra a banca á gloria.

Outro jogador occupou o seu logar, e continuou a partida tão animada, tão apaixonada, que eu mesmo cheguei a embriegar-me e puz-me a jogar como toda a gente.

Não tendo logar para me sentar, permaneci de pé, tendo na mão de chapeu onde nervosamente ia deitando os meus ganhos que augmentavam de minuto a minuto.

Estava o jogo mais animado do que nunca quando uma voz me gritou.

—Olhe que o roubam, capitão!

Fiz um movimento brusco, e instinctivamente agarrei a mão de Mr. de Mertenz, a qual segurava já uma nota de mil francos que acabava de roubar-me.

O desgraçado estava livido.

Troquei com elle um olhar, um só, a que elle correspondeu com uma expressão de supplica desesperadora.

—Mr. de Mertenz está no seu direito—disse eu muito tranquillamente—e não admitto que ninguem se atreva a levantar similhante accusação contra um homem como elle. Estamos associados para jogar e tirou d'aqui o dinheiro de que precisava. Eis tudo.

As explicações foram breves. O sujeito que me avisára ia pela primeira vez ao club e não conhecia Mr. de Mertenz; os jogadores que estavam de pé apertavam-se uns contra os outros. O recem-chegado vira introduzir se uma mão no meu chapeu, e julgando que me roubavam, prevenira-me. O bom do homem deu uma satisfação a Mr. Mertenz, a quem todos rodeavam lamentando o desagradavel incidente devido á precepitação do forasteiro.

Depois proseguiu o jogo, e Mr. Mertenz saiu do club.

Decorreram tres dias sem eu ter noticias do mancebo. Era natural que não tivesse grandes desejos de me ver. Eu, salvando-o a elle, salvára a honra posthuma de um valente soldado; mas, emfim, estranhava que elle não tivesse procurado um meio indirecto de manifestar me a sua gratidão.

Uma noite em que me dispunha a sair de casa para ir fazer umas visitas, disse-me o camarada que uma senhora me esperava na sala.

Era uma senhora de quarenta e cinco annos, de semblante a um tempo meigo e altivo, de olhar leal.

—Sou a sr.ª de Mertenz—disse-me ella—meu filho contou-me tudo, e venho agradecer-lhe o termos conservado intacto a honra do nosso nome.

—Minha senhora...

—Meu filho estava loucamente apaixonado por uma mulher que a toda a hora lhe pedia dinheiro. Arruinou-se por causa d'ella...Jogou, perdeu...E o senhor sabe o resto!

Eu estava verdadeiramente commovido perante a dôr d'aquella nobre mulher. A infeliz achava-se de pé na minha frente, com os olhos negros arrasados de lagrimas.

—Uma loucura de rapaz..—murmurei. Quando vir seu filho, hei de ralhar-lhe.

A mãe meneou gravemente a cabeça

Não o verá, capitão. Assentou praça na infanteria de marinha. E eu não quiz procural-o ao senhor emquanto meu filho se não ausentou.

III

Escutavamos o capitão J...sem o interromper Quando elle se callou, houve um curto silencio.

—E o desenlace, capitão? que foi feito de Mr. de Mertenz?

—Morreu, senhores. Ha poucos annos recebi uma carta de Kelung; uma carta escripta em papel já amarellado e contendo estas linhas:

«Estou gravemente ferido. O almirante Courbet veio trazer-me a cruz...Mas vou morrer...Envio-lhe a minha pobre recompensa, para que brilhe no peito do meu salvador.»

Eis aqui, senhores, porque em vez de collocar na minha farda a condecoração que me deu a chancellaria da Legião d'Honra, trago a cruz do sargento de infanteria da marinha Mertenz, que depois de se ter portado como um ladrão morreu em Kelung como um heroe.

Acbert Delpit.

ANNUNCIOS

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

LECCIONISTA

JOÃO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annunciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio—Aveiro.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar*, da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substituir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta dos labios [illegible] tes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente, o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas*, que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre*. (Segue-se o reconhecimento).

TYPOGRAPHIA

VENDE-SE uma pequena typographia completa. Na typographia d'este jornal se diz quem está encarregado da venda.

o obriga na qualidade de cavalheiro a respeitar como sagrada a virtude de um senhora, que o obriga como subdito a castigar a menor injuria feita á magestade do rei. Espera em Deus que nunca em tempo algum violará os deveres de cavalheiro e es sentimentos de lealdade.

Como membro de uma camara essencialmente conservadora dos principios monarchicos, não podia deixar de exigir, que o ministro fisesse uma retractação solemne, que lançando sobre a sua cabeça a gravidade toda do facto evidenciasse que nem sombras de suspeita podiam existir no animo de ninguem (natural ou estrangeiro) ácerca da irreprehensivel e exemplar virtude de uma senhora, que poderá ser imitada, mas nunca excedida como esposa e como mãe.

Os que n'esse dia, temendo o escandalo d'esta discussão melindrosa, votaram o silencio, erraram em boa consciencia, porém erraram. O escandalo estava no insolito *Affidavid* do conde de Thomar. O escandalo consistia na declaração muito mais que leviana e imprudente do ministro, a qual corria impressa e era publica. O escandalo emfim era o arrojo de sujeitar ao juizo dos tribunaes o que na opinião universal era dogma acima de toda a duvida. Esses cavalheiros de boa fé ajudaram a salvar o conde de Thomar das consequencias da sua temeraria empresa, mas não fizeram um serviço á monarchia. Depois de assim posta a questão ao seu exame, por força havia de concluir pela confusão do ministro e pela gloria da corôa.

O duque de Saldanha, pois, fiel a estes principios votou pela discussão, votou para que o sr. conde de Lavradio desenvolvesse a sua interpellação, e para que o presidente do conselho respondesse. Honra-se de o ter feito, e dá-se por feliz de não antepôr considerações pessoaes ao desempenho de um tal dever.

Em 7 de fevereiro de 1850 o duque de Saldanha recebia a exoneração do cargo de mordomo-mór da casa real!

A causa pessoal do conde de Thomar prevalecia acima de tudo, pois que o marechal era demittido de um emprego, que lhe fôra conferido *em premio dos zelosos e relevantes ser-*

viços, que para a restauração e consolidação do throno e da carta constitucional da monarchia, havia prestado com extremado valor, honra e intelligencia, *assim na carreira militar, como na diplomatica e administrativa*. O astro da familia Cabral brilhou radioso e absoluto, sobre este reino. A mão do obscuro demagogo de 1837, com um borrão de tinta apagava a gratidão de taes serviços, e riscava-os da memoria onde pareciam gravados para sempre. Poderá elle apaga-los tambem da historia d'onde bradaram justiça?

O duque perdeu a confiança da soberana; o lugar é amovivel, disse o conde de Thomar, e com elle o conselho de ministros em officio de 28 de fevereiro passado. Só a prepotencia pune sem crime, e persegue sem causa. Qual foi o delicto do duque? Nenhum! Responde o conde ministro. Seria o seu voto como par do reino na sessão das interpellações sobre o *Morning Post*? Foi! Então, se é este o motivo dir-nos-heis de que vale e o que garante a carta constitucional? O que é feito da inviolabilidade das opiniões, e da liberdade de consciencia do par ou deputado?

A exoneração do duque é o commentario eloquente de esta garantia essencial á independencia e acção do poder legislativo. O conde de Thomar, demittindo ou fazendo demittir o par do reino pelo seu voto, deu pretexto a supporem-se indirectamente subservientes e chancellados todos os votos de empregados publicos; tirou-lhes a elles a confiança de se olharem como independentes e convencidos, sugeitando-os pela coacção á sua vontade representada no cutello demissorio. Ignora hoje alguem que se não votar a favor do ministerio, ha-de optar pela exoneração e pela ruina! Não será para muitos a alternativa impossivel?

A força e a influencia moral das decisões da camara assim entendidas e commentadas pela brutal vingança do ministro, não desauthorisam o parlamento na opinião publica? Se a maioria que sustentar o governo fôr de funccionarios, ou de criados da casa real, não se dirá que é maioria ficticia, coagida, ameaçada na independencia e liberdade do seu voto pelo terror do poder? Na realidade o conde de Thomar paga

camaras, e por conseguinte a da nação. Logo, como segundo o principio da amobilidade, hoje invocada para elles, os cargos da casa real estão sujeitos á mesma sorte que as commissões de serviço publico, é evidente, que perdido o apoio do parlamento perde o governo a confiança, e com elle cahem não só os empregados de commissão, mas os criados da rainha, que tiverem militado a favor da sua politica.

Uma demissão de ministerio implica por tanto de hoje em diante a dispensa do serviço particular da casa real para todos aquelles, que no exercicio de funcções politicas tiverem tomado posição clara e definida. O novo governo não póde ter menores direitos, que o antigo; e o soberano, neutro, inviolavel, e irresponsavel não póde descer da sua esphera superior, para por caso nenhum praticar a desigualdade de negar a uns o que concedeu a outros, em virtude do principio da confiança constitucional. Era proclamar uma politica pessoal, que a carta e todas as regras do systema lhe vedam absolutamente; era sahir da carta para o *posso, quero e mando*.

Que agradeçam ao conde de Thomar os criados da casa real este serviço! A revolução por elle feita vai expôl-os a todas as vicissitudes d'um lugar de confiança. Fez mais. Fechou-lhes em muitos casos o accesso á carreira publica, porque a casa electiva é cioza da sua independencia popular, e de certo nas incompatibilidades relativas ha-de estabelecer a opção entre a cadeira e o lugar do paço; porque, para a camara dos pares, a honra é um pouco custosa, equivalendo o voto a favor do governo á perda do emprego no futuro, e o voto contra á immediata exoneração no presente. Qual dos criados da rainha acceitará, depois disto, commissão de serviço publico, sabendo que derrubado o ministerio, que lha conferiu perde não só a commissão, mas o emprego do paço? Eis ahi a bella situação que devem ao *grande* ministro, ao *estadista consummado*.

Da corôa prohibe o respeito fallar. Um dia virá (e oxalá que mais tarde do que se receia), em que este exemplo abrirá margem talvez a desagradaveis consequencias. A vingança é cóga, mas o odio calcula! O ministro, que para se

causa pessoal foi substituida, com incrivel audacia, ás exigencias do decoro e á imperiosa lei das conveniencias!

Pela sua parte o duque de Saldanha não tem de que se accusar n'esta dolorosa exautoração moral. Resta-lhe a consolação de haver esgotado todos os meios para levar a verdade até aos mais elevados lugares, para justificar a sua consciencia e o seu caracter da menor sombra de cumplicidade. Preferiria quebrar no joelho a espada de marechal, que recebeu pura e gloriosa das mãos do imperador, á vilania, de a vergar manchada e venal aos pés do ministro tão esquecido de si como dos deveres da sua posição.

Desde esse dia o marechal preparou-se para a perseguição. Sabia que ella hia rebentar, e ria-se da impotencia do homem, que fulminado tão cruelmente, se illudia ainda a ponto de cuidar, que podia roubar os raios do céo, e sumir no pó os que lhe não dobravam o joelho escravo. A sua linguagem de soldado tinha sido franca e nada lisongeira onde, o seu dever o mandava fallar com sinceridade. Devia desagradar. Contou com isso. Lançou-a mesmo por escripto, por que desejava que ficasse d'ella memoria. Na camara dos pares repetiu quasi textualmente as mesmas palavras, porque queria que o paiz as ouvisse tambem, e as julgasse Conselheiro leal, não mentiu ao rei nem á patria. O resto não o espantou, nem o abateu. Na satisfação de um dever tão sagrado estava o seu verdadeiro premio.

Mas a fatalidade, que faz do conde de Thomar um instramento de dissolução, e uma machina de ruina para as instituições, precipitou-o no maior arrojo de que ha memoria. O ministro, que injuriava a justiça do paiz, dando-a de suspeita, não duvidou pedir aos tribunaes estrangeiros a reparação de offensas da mesma natureza, ou mais graves ainda, se é possivel! O presidente do conselho para justificar esta incrivel resolução dirigiu aos tribunaes portuguezes a maxima affronta, pondo-os por ineptos ou por infieis á justiça, e isto aos olhos da magistratura britannica, com razão orgulhosa do respeito que inspira!

O precedente é novo; o cynismo de tal declaração e

FUNDIÇAO DO OURO

PORTO

A Fábrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879*, acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

AMA DE LEITE

OFFERECE-SE uma. Na typographia d'este jornal se diz.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas electricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, portavozes, etc.

Observam-se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal | AVEIRO.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz

AVEIRO

BONITO CAVALLO

VENDE-SE um cavallo, de mais da marca de quatro para 5 annos, para cavallaria, podendo servir tambem para carro. N'esta redacção se diz com quem se trata e onde pode ser visto.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

CAL

FORNECE-SE para qualquer parte em grandes e pequenas quantidades. Preços sem competencia. Pedidos a Manuel Q. Valente.

CANTANHEDE — SEPINS.

UMA COCHEIRA NO COJO

Trata-se com suas donas em Estarreja.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120 !
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pos de Keating.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás similares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODÃO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), io do formado, phenico, salicilado; com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,4—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangéa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYES, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense,* em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇOES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191. 1.º—PORTO

E NAS LIVRARIAS

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

(*)

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo officiai das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

DE

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Publicação mensal, gratuita

Recommendamos a leitura d'esta utilissima publicação aos amadores de bons livros, ao clero e a todas as pessoas que desejarem estar em dia com o movimento litterario do nosso paiz.

Envia-se *gratuitamente e franco de porte* o todas as pessoas que a pedirem aos editores

ALMEIDA & C.ª

234, Rua do Almada, 238

Porto

BORRAS E SARRO DE VINHO

COMPRAM-SE grandes porções e ninguem paga melhor preço do que A. J. Rosa, rua dos Remolares, 8,—LISBOA.

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES

PARA PIANO E CANTO

por

Cesar das Neves e Gualdino de Campos

Summario do 1.º fasciculo:—«As melodias portuguezas,» prologo por Theophilo Braga; «O lavrador da arada,» lenda religiosa; «Canção do figueiral,» trobadoresca, com uma traducção por Anthero do Quental; «Canna verde,» chula de Braga; «Então és o meu amor,» descante de Amarante; «Oh que saleiro!» choreographica de Penacova.

Preço do fasciculo de 16 paginas, para os assignantes, 200 réis; avulso 400 réis.

Empreza editora Cesar, Campos & C.ª rua da Fabrica, 80, Porto.

A' venda em todas as livrarias e armazens de musica.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração, Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

inaudito; entretanto viu-se e tolerou-se! O primeiro ministro de Portugal mandou em seu nome dizer a Londres que a sua nação era uma terra, onde as leis e os juizes eram taes, que só da Inglaterra esperava justiça. Era já mais do que a paciencia publica podia soffrer, mas não foi ainda tudo.

O *Morning Post*, o jornal, cuja correspondencia offendera o conde de Thomar, dirigiu uma allusão á leveza de certa personagem, que não nomeou. No seu *Affidavit*, o presidente do conselho declarava *sobre juramento d'alma, que nunca tivera relações immoraes com a rainha de Portugal!!!* Não contente de arrastar, pelo pó a dignidade do poder, e a honra do seu partido, este homem, no seu orgulho descommunal, atrevia-se á magestade da terra, e commettia o attentado de a alliar por uma negativa profundamente injuriosa, á causa pessoal que ia defender aos tribunaes de Londres, fugindo dos da sua patria!

O assombro e o horror gelaram a todos, logo que a declaração foi sabida de Lisboa. Ninguem a queria acreditar. Nunca a monarchia recebêra no rosto affronta assim. Nunca se julgára possivel, que um homem, um ministro, um cavalheiro, em fim, despresando os rudimentos das conveniencias mais vulgares, á face da Europa, desacatasse por este modo a sua soberana, suppondo, mesmo possivel a necessidade de a defender de tal ultrage.

O ultrage; porém, o conde é que o creára. A correspondencia do *Morning* nada tocára, que authorisasse a mais leve suspeita; em Portugal ha muitos personagens, a que se podia referir a allusão; a expressão do jornal estava mesmo longe da significação, que lhe atrribuia a *Affidavit*. A leveza não equivale a relações criminosas. Porque motivo, pois, ia o conde de Thomar levantar uma allusão que nada tinha de positivo e deshonroso, e fazer d'ella uma questão, em que a derrota ou a victoria eram igualmente calamitosas?

O homem, que se diz horrorisado dos excessos da imprensa não hesitava em entregar ás furias de uma imprensa tão livre e tão solta como a ingleza o ponto delicado da honra de uma senhora? Elle que vê com razão um crime na irreverencia ao throno, porque foi sujeitar á discussão do jornalismo da Europa a monarchia e a corôa inviolaveis? Ignora o conde, que se a condemnação por intenção injuriosa não é difficil de obter na Grã-Bretanha, em acções de diffamação, resta todavia ao accusado o recurso extremo de pedir para ser admittido a provar a imputação, que o debate é liberrimo, e que não recua diante de nada, porque, provando, o réo consegue na pena uma diminuição, que muitas vezes equivale á impunidade? Este grande cavalheiro e estadista para dar estrondo ao seu nome, para ganhar probabilidades de favor na sua causa pessoal, teria a improba idêa de expôr a sua rainha aos commentarios e allegações de um auditorio estrangeiro, ás apostrophes de uma imprensa solta, e á decisão de um jurado inglez? Custa a crêr que a tanto chegasse a demencia e o arrojo.

Seja o que fôr, este episodio terrivel véio coroar a sinistra celebridade do conde de Thomar. Chamado na camara dos pares a uma explicação cathegorica, em vez de respeitar os objectos sagrados que expozera, e de se salvar, se possivel fosse pela franqueza das declarações, todos o viram fugir do debate como dos tribunaes, e entrincheirado em um sophisma regimentario responder com a mordaça ao seu interpellador. Todos o viram não só abaixo da dignidade de ministro, mas inferior á de cavalheiro, disparar estalos com os dedos, e parecido a um possesso fazer da tribuna mais grave um arraial de sainetes e rifões. «Voou-lhes o passaro da mão!» exclamava o conde de Thomar. E pouco depois accrescentava *«que o modo de levar a opposição era dar-lhe, e dar-lhe de rijo!»* Os deploraveis incidentes que provocaram estas indecencias nunca sahirão da lembrança dos que presam o systema, e tanto padeceram n'esse dia de vergonha.

Se estivesse em paiz estrangeiro, e um homem, qualquer que fosse a jerarchia, se atrevesse a dizer da rainha de Portugal que nunca tivera relações immoraes com ella, o marechal como soldado, ter-lhe-hia feito abjurar a blasphemia em publico á ponta da espada. Descendente de uma das mais illustres familias do reino, o duque recebeu esta educação; que

da do lugar é quasi nada em comparação disto. A questão historica, e os direitos que d'ella dimanam, são menos interessantes, do que as consequencias do principio da amobilidade dos cargos da casa real, posto e applicado pelo presidente do conselho. S. ex.ª fez um serviço á opposição setembrista, e talvez aos futuros ministerios, que elles lhe deviam agradecer extremosamente.

De hoje em diante está reconhecido, que não ha na casa real cargos vitalicios. São todos amoviveis. Não é tudo ainda. Estes cargos não se perdem só por erro ou desleixo, por ignorancia ou qualquer outro motivo inherente ao serviço respectivo, perdem-se por causas politicas. A exoneração do marechal Saldanha é a prova. O seu delicto foi só votar contra o ministerio *n'uma questão pessoal do presidente do conselho*, como elle proprio declarou que era a interpellação do *Morning Post*, segundo diz a acta correspondente. Logo deduz-se sem violencia, que o que succedeu ao duque deve e ha-de succeder a todos os criados da rainha, que no exercicio de funcções politicas se decidirem a hostilisar o governo. Não só perdem quaesquer commissões de serviço publico, que tenham, como tambem são dispensados do serviço particular de suas magestades. Este principio, que em 9 de setembro de 1836 e em maio de 1846, duas revoluções triumphantes não ousaram estabelecer em face da corôa; fixou-o o conde de Thomar, honra lhe seja! E' que elle foi e ha de ser sempre o mais audacioso tribuno do seu tempo. O verniz aristocratico que lhe pozeram não muda o homem velho. Bom sangue não mente.

Os corollarios da doutrina do conde de Thomar a respeito dos lugares do paço encadeiam se, e concluem quasi por si mesmos.

Como no systema representativo o rei é inviolavel e irresponsavel, e não governa senão pelos seus ministros, a famosa these de mr. Thiers victoriosa em 1830, recebe a sancção de dogma para todas as hypotheses. A politica do soberano é a politica da maioria do paiz, representada no parlamento; é a politica dos ministros tirados do seio dessa maioria. A sua confiança só a recebe quem possue a confiança das

bem á camara dos pares e á soberana a honra que fizeram a um homem tal como elle, dando-lhe assento na casa hereditaria. Feriu-a na sua dignidade pelas *fornadas*, e na sua honra pela punição do voto livre.

Nenhuma consideração o detem. Nenhuma reflexão um pouco mais longa que o presente, um pouco mais larga que o seu egoismo o inspira. Uma vez que se vingue o que lhe importa o preço? Sem delicadesa nem calculo mesmo, antes de saber se o accusariam na casa electiva, antes de experimentar se tinha maioria na camara alta; tratou de segurar a sua sorte, fazendo uma promoção de pares, que sendo seus juizes fossem seus amigos e obrigados. Como ha-de a casa hereditaria resistir ao effeito moral d'estes repetidos golpes d'estado, que lhe abrem as portas ao capricho do ministro, e a ferem tão profundamente na sua independencia e dignidade?

O futuro responderá! Em Inglaterra a aristocracia tão habil como honrada preferiu acceitar o bill da reforma a soffrer a nomeação de novos pares; e mais de uma vez no uso da prerogativa real, liberrima, como aqui, o ministro responsavel provocou uma accusação de felonia, por expôr no interesse proprio, a authoridade e a permanencia d'este ramo do poder legislativo. Os exemplos nem são raros nem antigos.

Mas o conde de Thomar tem por destino fatal offender a quanto parece respeitar. Quando o duque de Saldanha, se dirigiu ao governo pela secretaria da guerra para exigir a declaração dos crimes que lhe tinham alienado a confiança de sua magestade, bastava-lhe o testemunho da sua consciencia para saber que taes crimes não existiam; queria porém trazer o ministro propotente á estremidade de confessar elle proprio, que o seu odio só, que a mesquinhez só da sêde de vingança, o haviam levado a aconselhar a exoneração do mordomo-mór. Obtida esta confissão estava preenchido o fim do duque.

Da bocca d'um inimigo a declaração, de que não havia crime do mordomo-mór no exercicio das suas funcções, ou do marechal nas suas relações com as mais altas personagens, é quanto era sufficiente á honra do duque de Saldanha. A per-